

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

ANGÉLICA SOLETTI

GABRIELA: SAPATOS E LIBERDADE

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR

2017

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

ANGÉLICA SOLETTI

GABRIELA: SAPATOS E LIBERDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Pato Branco como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC II.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima

PATO BRANCO – PR

2017



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Angélica Soletti**

Título: **Gabriela: sapatos e liberdade**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 27/06/2017 pela comissão julgadora:

Prof. Dr. Marcos Hídemir de Lima – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof. Me. Leandro Zago – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquetti – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Dra. Claudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquetti
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso Superior de Licenciatura em Letras
UTFPR - Câmpus Pato Branco

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na coordenação do curso.

AGRADECIMENTOS

A Deus por todo o amor e cuidado que a mim dedicou, por todas as oportunidades que a mim proporcionou e pelos pais com os quais me presenteou.

A minha mãe, Sueli, pela força e coragem. Ao meu pai, Nilso, pelo bom coração e simplicidade. A metade que herdei de cada um de vocês, meus dois meus amores, juntamente com os seus sorrisos que iluminam a minha vida com a graça e a luz de um campo de girassóis, equilibra as duas partes de mim.

Aos meus irmãos, Taiza e Mateus Antônio, por pulsarmos num só coração.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima, pela paciência, dedicação, sabedoria e compreensão que possibilitaram a realização deste trabalho.

Aos demais professores que, ao longo desses anos de graduação, sempre me proporcionaram alguma forma de conhecimento.

Aos que, de maneiras diversas, fizeram meu caminho mais agradável de ser percorrido.

Obrigada!

RESUMO

Este trabalho estuda a representação da liberdade feminina no romance *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), do baiano Jorge Amado, buscando relacionar a figura da personagem Gabriela com a liberdade e a opressão social ligadas às mulheres a partir do ato de calçar e descalçar os sapatos. Ainda, nesta pesquisa, há uma breve comparação entre os sapatos de Gabriela e os de Cinderela, personagem do conto homônimo dos irmãos Grimm. Em seguida, efetua-se a análise de Gabriela, como representante da mulher brasileira de meados da década de 1920, evidenciando sua relação com a sociedade da cidade de Ilhéus, na Bahia, bem como questões ligadas a questões étnicas. Os principais teóricos empregados nesta pesquisa são Gilberto Freyre (2003), Affonso Romano de Sant'Anna (1986), Roberto DaMatta (1997), Teófilo de Queiroz Júnior (1975) e Mary Del Priore (1994). Os resultados apresentados revelam duas Gabrielas distintas: a descalça e livre das convenções sociais e a calçada, presa aos valores da sociedade em que vive.

Palavras-chave: Liberdade Feminina. Sociedade. Sapatos. Papel Social.

ABSTRACT

This study aims to study the representation of the women freedom in the novel *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), by Jorge Amado. This work intends to show the relationship between the main character, Gabriela, with the freedom and social oppression. Represented by the act of putting shoes on and taking them off. It was made a brief comparison between Gabriela's shoes and Cinderella's, character of *Grimm's* fairy tale. An analysis was made about the Brazilian women in mid1925, more specifically, in the town of Ilhéus, and their relationship with the society they belong to seeking a better understanding about how the skin color builds a stereotype which would establish what would be her role in that society. However, the main focus of this study will be on the character Gabriela and her two lives – single and married- and how the social conventions have an influence on her in the two particular/ distinct stages of her life.

Key-words: Feminine Freedom. Society. Shoes. Social Role.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 GABRIELA E CINDERELA: UM SAPATO EM COMUM	11
A MULHER BRASILEIRA EM 1925: SUA COR E SEU PAPEL NA SOCIEDADE.....	15
3 OS SAPATOS DA SENHORA SAAD	21
CINDERELA E GABRIELA: DUAS VISÕES SOBRE UM SAPATO.....	28
4 GABRIELA SEM SAPATOS	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma pesquisa comparativa com fontes bibliográficas que pretende analisar na obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, a simbologia do ato de calçar os sapatos pela protagonista do romance. Para explorar ainda mais esta simbologia, será feita uma breve análise do conto *Cinderela*, dos Irmãos Grimm, que também apresenta uma situação envolvendo o ato de calçar sapato pela personagem principal.

Baseando-se na aversão que Gabriela tem por calçar sapatos, este estudo tem como objetivo geral analisar a representação de liberdade no ato de Gabriela. Como objetivos específicos, pretende-se, com base na obra de Jorge Amado, relacionar Gabriela com a liberdade/opressão representada pelo ato de colocar/tirar os sapatos e identificar qual(is) significado(s) o ato de “calçar os sapatos” representa(m) para a personagem. Como dito anteriormente, pretende-se também realizar uma breve abordagem sobre o mesmo ato representa para a personagem Cinderela e quais possíveis relações o romance aqui estudado estabelece com o conto.

A perspectiva de que é possível compreender a literatura como uma forma de expressão ficcional da realidade torna viável a análise de similaridades de muitas personagens com indivíduos reais do nosso cotidiano. Isso posto, a ótica adotada neste trabalho parte do ponto de vista de que a literatura tem muito a mostrar sobre as características de uma sociedade.

Embora aborde a liberdade feminina em meados da década de 1920 no Brasil, pode-se perceber muito da atualidade na obra de Jorge Amado. Em *Gabriela, Cravo e Canela*, por meio da personagem Gabriela, o autor explora de forma crítica a submissão das mulheres da cidade de Ilhéus, a forma como elas, em sua maioria, passavam suas vidas sujeitas às vontades primeiramente do pai e, depois de casadas, as do marido.

Amado evidencia esse comportamento ao calçar sapatos em Gabriela, no momento em que ela se casa com Nacib. Ainda hoje esta conduta é comum na sociedade, pois muitas mulheres calçam sapatos devido a convenções sociais, perdendo toda a sua liberdade. Para algumas, os sapatos tornam-se muito apertados com o passar do tempo e, da mesma forma como Gabriela procedeu há quase um século atrás, decidem por libertar os seus pés machucados e ir em busca

da liberdade.

Levando em consideração que na atualidade são ainda muito presentes situações de injustiça, de forma direta ou indireta, por parte da sociedade com relação à liberdade feminina, optou-se por trabalhar este tema relacionando-o com a personagem Gabriela e o ato desta de calçar e descalçar os sapatos.

Por se tratar de uma obra conhecida e de cunho crítico, foi possível buscar informações em fontes de diversos teóricos sobre o tema abordado por Jorge Amado. As obras de teóricos como Gilberto Freyre (2003) e Affonso Romano de Sant'Anna (1986) são essenciais para a compreensão da sociedade daquela época, bem como o papel das mulheres nela, papel esse que poderia ser específico de acordo com a classe social e a cor da pele. Ainda sobre este assunto, Mary Del Priore (1994) traz discussões interessantes em suas obras. Demais, não seria possível atribuir esta classificação de papéis às mulheres sem falar sobre os espaços, feminino ou masculino, como descreve Roberto DaMatta (1997).

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, será abordada a situação da liberdade feminina no Brasil e o papel da mulher na sociedade. Para esta análise, optou-se pelo embasamento nos textos de Gilberto Freyre (2003), Affonso Romano de Sant'Anna (1986) e Roberto DaMatta (1997) que trazem teorias sobre a inserção da mulher na sociedade de acordo com a sua cor de pele, relacionando-as diretamente com a personagem Gabriela. Mais adiante, também será feita uma breve comparação entre a personagem de Jorge Amado e Cinderela, protagonista do conto dos Irmãos Grimm, que leva o mesmo nome, levando em consideração a análise de Bruno Bettelheim (1992), que aborda questões relacionadas à psicanálise nos contos de fadas.

O segundo capítulo trata da importância dos sapatos na sociedade da época retratada na obra e relata a relação de Gabriela com este acessório de vestuário. Mostra também o sentimento dela por conta de seu casamento com Nacib, que a obriga a calçá-los. Além dos teóricos citados no parágrafo anterior, introduzem-se discussões de Mary Del Priore (1994) com relação ao papel submisso da mulher naquela sociedade.

Para o terceiro e último capítulo, aborda-se a maneira como a personagem da obra de Jorge Amado livra-se dos sapatos apertados quando seu casamento com Nacib culmina em divórcio. Trata do conformismo de Gabriela em relação ao seu papel social, de como ela volta para o seu espaço, conforme descreve Roberto

DaMatta (1997), em sua teoria sobre os espaços. Para explicar o conformismo da personagem diante da situação de voltar como amante do ex-marido, esta análise fundamenta-se na ideia de Teófilo de Queiroz Júnior (1975) que trata sobre o estereótipo da mulata na literatura brasileira.

Todos os passos deste trabalho baseiam-se em uma análise crítica, com excertos da obra amadiana e embasados pelos teóricos citados anteriormente. Finalmente, o trabalho traz considerações finais sobre as análises realizadas.

2 GABRIELA E CINDERELA: UM SAPATO EM COMUM

Em *Gabriela, Cravo e Canela*, que narra a história de Gabriela, jovem retirante que deixa o sertão e vem para Ilhéus em busca de uma vida melhor e acaba se apaixonando pelo seu patrão, o turco Nacib, tem-se a mulher, na imagem da protagonista Gabriela, fortemente vinculada à sensualidade, à liberdade sexual, à beleza natural, símbolos da mulher brasileira. No livro, o autor a descreve como uma mulher livre, sem amarras, nem mesmo para o amor. O amor deve ser livre e puro. A moça não consegue entender o porquê de as pessoas tentarem prender as outras a si mesmas com a desculpa de amá-las. Não gosta das coisas que prendem, que oprimem. Pássaros presos em gaiolas lhe causam profunda tristeza. Para ela, os pássaros foram feitos para ficarem soltos, e a mesma coisa pensa sobre as pessoas. Gabriela acredita que as pessoas precisam ser livres para que possam ser verdadeiramente felizes. Livres para amar, dançar, pensar, sonhar e viver.

Não se conforma com o fato de ter que basear o seu comportamento em parâmetros estabelecidos por outros. Gosta de andar e amar à sua própria maneira: descalça, de vestido de chita, sorridente e cantarolando pelas ruas de Ilhéus. Esse comportamento independente/livre da moça causa estranheza e gera comentários por toda a cidade, especialmente por seu relacionamento com Nacib, homem de muita estima entre os altos figurões da sociedade de Ilhéus. Juntamente com os comentários, logo vem a necessidade de adequar-se aos padrões impostos por aquela cidade (AMADO, 1995).

Retirante da região Nordeste do Brasil, Gabriela tem muita dificuldade para adaptar-se a sua nova vida de casada e aos costumes de Ilhéus. Diante das imposições cada vez mais severas da sociedade, ela se recusa a usar sapatos. Além de achar que são desnecessários, também lhe causam calos nos pés. Não critica quem os usa, porém está convicta de que seus pés não foram moldados para desfilar elegantemente em sapatos de senhoras da sociedade. Até tenta usá-los, todavia, apenas para agradar Nacib. Mas por que precisa deixar de ser livre, de ser ela mesma para agradar? A quem?

Assim, sempre que quer sentir-se livre, tira os sapatos e passa a ser a Gabriela livre e sorridente que chegara ao Porto de Ilhéus. A Gabriela feliz que se apaixonara pelo turco. A Gabriela que servia cantando as suas guloseimas aos clientes do bar. A Gabriela que espera todos os finais de tarde pelo seu amor, com

os cabelos e corpo livres e perfumados de canela. A Gabriela que despertava desdém, inveja e admiração das esposas e filhas dos frequentadores do Bataclan, o bordel da cidade. A Gabriela sem sapatos e sem calos que não permitia que lhe tirassem o sorriso dos lábios. Seria um par de sapatos o fim de toda essa felicidade? Por que ao colocar os sapatos nos pés esta mulher deixa de ser feliz?

O tema da liberdade feminina em meados de 1920 no Brasil, em uma obra escrita na década de 1950, pode ainda ser um tema polêmico na sociedade atual, pois muitas mulheres acabam por calçar os sapatos que, décadas atrás, foram calçados por Gabriela devido às convenções sociais. E, mais tarde, assim como Gabriela, decidem abandonar os sapatos e abraçar a liberdade.

Liberdade feminina é um assunto de extrema relevância, visto que apenas o fato de ser mulher implica na cobrança de certos comportamentos e valores ainda que de forma sutil ou camuflada. Há, em determinados comentários, muitas vezes, julgamento quanto ao que a sociedade não considera adequado com relação ao comportamento feminino. Temendo estas cobranças, muitas mulheres acabam por adotar um comportamento convencional, mas não se sentem felizes e algumas, mais tarde, infelizes, optam por abandonar a submissão à convenção e, descalçando os sapatos, seguem em frente, felizes. Outras, contudo, carregam o peso dos sapatos pelo resto de suas vidas.

De acordo com Jean Roche (1987), Gabriela é o símbolo da mulher brasileira em sua melhor representação. Traz à tona a liberdade ingênua e sonhadora mal vista para uma mulher daquela época, carregando consigo todo o cunho ético presente na escrita de Jorge Amado:

A bela mulata, duplo símbolo da miscigenação, da pureza original, desconhecendo a noção do pecado e fugindo, depois da sujeição do casamento, é a dupla negação da religião e da instituição, a afirmação da espontaneidade, (virtuosa e fonte de felicidade para o prazer dos sentidos), a reivindicação da liberdade, contra todos os tabus sociais, ela é efetivamente Jorge Amado. (ROCHE, 1987, p. 60)

Dessa forma, Jorge Amado usa a personagem Gabriela para representar a sua visão crítica relacionada às formas de opressão exercidas pela sociedade brasileira da década de 1920 com relação à mulher. Dentro dessa sociedade, tinha-se a ideia de que “mulher casada é para viver no lar, criar os filhos, cuidar do esposo e da família...” (AMADO, 1995, p. 83).

Por meio dessa personagem, o romance representa os desejos reprimidos de muitas mulheres daquele momento histórico, que, todavia, por conta das convenções sociais, não ousavam externar os seus anseios. Em vez disso, muitos preferiam criticar a espontaneidade de Gabriela e refugiar-se na igreja e nas obras de caridade. Tais ações, como mostra o livro, não passavam, muitas vezes, de desculpa para que as damas da sociedade fossem ao encontro de seus amantes. Este foi o caso de Dona Sinhazinha e Osmundo. A descoberta do romance pelo marido de Sinhazinha, Coronel Jesuíno, culminou no assassinato do casal de amantes. No bar de Nacib, comentavam os coronéis: “– Quem havia de dizer, não saía da igreja...” (AMADO, 1995, p. 79).

Gabriela, ao contrário, não via problema em desejar e demonstrar seus sentimentos. Ela gostava de ser livre, andar pela rua feliz pensando em Nacib e nos outros homens de Ilhéus. Sabia que, enquanto fosse somente a amante de Nacib, tudo ainda seria possível. Porém, casando-se, teria que calçar sapatos e, assim, carregar toda a bagagem que esses delicados objetos de luxo traziam agregados ao seu salto de boneca, como pode ser observado no trecho a seguir: “Casar comigo? Por quê? Precisa não, dona Arminda, por que casar? [...] - Era capaz de ter de calçar sapato todo dia... Gosto não... De calçar sapato.” (AMADO, 1995, p. 149).

Pode-se perceber que o que desagradava a Gabriela não é a ideia do casamento, e sim o fato de que a partir do momento em que se tornasse a esposa de Nacib teria que usar os temíveis sapatos. Essa necessidade de andar calçada a deixava triste, pois eram justamente os sapatos que tirariam a sua liberdade, isto é, a partir da ocorrência dessa situação, não poderia mais viver alegre e livre.

A liberdade que sentia ao andar descalça ou ao usar chinelos pela cidade, na hora do meio-dia, para levar o almoço de Nacib agradava-a muito. Especialmente por sentir-se livre para ser desejada pelos outros moços de Ilhéus. Não lhe causava excitação as propostas dos velhos coronéis, que lhe ofereciam casa e ótima vida para tê-la como amante exclusiva. Não lhe deleitava a ideia de pertencer a alguém:

– Você gosta de ir?

Fez que sim com a cabeça. Era sua livre hora de passeio, como gostava! De atravessar sob o sol, a marmitta na mão. De andar entre as mesas, de ouvir as palavras, de sentir os olhos carregados de intenções. Dos velhos não. Das propostas de casa montada feitas pelos coronéis, disso não. De sentir-se mirada, festejada, desejada. Era como uma preparação para a noite, deixava-a como que envolta numa aura de desejo, e nos braços de Nacib ela revia os moços bonitos: seu Tônico, seu Josué, seu Ari, seu Epaminondas, caixeiro de loja. (AMADO, 1995, p. 169)

Gabriela queria simplesmente amar por amar, sem cobranças. Sem o ciúme que aperta o coração ou os sapatos que apertam os pés de sertaneja livre e feliz. A necessidade de sentir a liberdade era vital para ela, logo nada melhor para sentir-se desprendida do que andar de pés descalços. Nela existe a ideia de que sapatos apertados podem ser o empecilho para encontrar a felicidade e viver o verdadeiro amor.

A temática dos sapatos presente no romance de Jorge Amado também aparece no conto “Cinderela”, criação dos Irmãos Grimm. Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) nasceram na cidade de Hanau (no estado de Hessen, na região central da Alemanha). Eram filhos de pastores da Igreja Calvinista Reformada e tinham nove irmãos. O pai atuava como funcionário de Justiça e Administração do Conde de Hessen. Em 1798, dois anos após a morte do pai, os dois irmãos foram morar com uma tia na cidade de Kassel para cursarem o Ensino Médio e, depois, para ingressarem na Universidade de Marburg no curso de Direito.

Com a ajuda de um de seus professores da Universidade, os irmãos tiveram acesso ao arsenal folclórico da Alemanha. Foi por meio do estudo destes escritos que muitas obras contendo contos populares da época chegaram às suas mãos. Perspicazes, os Grimm passaram a transcrever esses documentos, buscando mantê-los da forma mais original possível. Também se esforçaram na busca por relatos orais. Tiveram a contribuição de muitas pessoas que lhes relataram antigos mitos, lendas e cantigas. Juntos, desenvolviam o trabalho de transcrever as informações obtidas, fazendo somente as modificações necessárias para adequar os relatos de modo a torná-los apreciáveis pela sociedade da época. Com o passar dos anos, muitas de suas obras foram publicadas e suas histórias contadas de geração em geração.

No conto “Cinderela”, que faz parte das obras coligidas pelos irmãos Grimm, a narrativa se detém num jovem príncipe, que escolhe a sua noiva após encontrar o pé de um lindo sapato na saída de um grande baile oferecido pela família real com o intuito de encontrar a esposa perfeita para o jovem. Depois de testar o sapato em muitas moças que estavam no baile, ele descobre a jovem perfeita, no pé da qual o delicado sapato serviu:

First she washed her face and hands quite clean, and went in the curtseyed

to the Prince, Who held out to her the golden shoe. Then, she sat down on a stool drew her foot out of the heavy wooden shoe, and slipped it into the golden one, which fitted it perfectly. And when she stood up, and the Prince looked in her face, he knew again the beautiful maiden that had danced with him, and he cried, "This is the right bride!" The step-mother and the two sisters were thunderstruck, and grew pale with anger; but he put Cinderella before him on his horse and rode off. And as they passed the hazel bush, the white pigeons cried, "There they go, there they go! No blood on her shoe; The shoe's not too small, The right bride is she after all. (OWEN, 1922, p. 78)¹

Como se pode perceber, o príncipe procurava por uma noiva perfeita, cujo pé coubesse perfeitamente no sapato. Contudo, Cinderela, ao contrário de Gabriela, almejava pelo noivo perfeito que lhe colocasse sapatos nos pés para que ela pudesse finalmente fazer parte daquela sociedade a qual de fato pertencia. Deixara de pertencer àquela realidade em virtude de seu lugar ter sido usurpado pela madrasta e suas meios-irmãs.

2.1 A mulher brasileira em 1925: sua cor e seu papel na sociedade

Conforme discutido anteriormente, enquanto Gabriela era apenas a cozinheira mulata, de pernas firmes, com quem Nacib se deitava sempre que quisesse, não havia importância na forma como a jovem se comportava ou se vestia.

Gabriela era apenas sua amante que o impressionava com seus quitutes deliciosamente temperados, sem melhores em Ilhéus. Roberto DaMatta, em *O que faz o Brasil Brasil* (1986), explica o seu pensamento sobre a associação da imagem da mulher com a comida, e reforça, em parte, as ideias de Gilberto Freyre (2003) e Affonso Romano de Sant'Anna (1986), que serão citada adiante, sobre as mulheres para o casamento e as que não o eram. DaMatta (1984) associa a comida às mulheres e essas podem ser associadas a sua cor e ao seu papel social na época:

Entre a mulher da rua, a prostituta, ou a mulher que controla e é dona de sua capacidade de sedução e sexualidade, e certos tipos de alimento. Assim, a mulher que põe à disposição do grupo (da família) seus serviços domésticos, seus favores sexuais e sua capacidade reprodutiva torna-se a fonte de virtude que, na sociedade brasileira, se define de modo pastoral e santificado. É a virgem, a esposa e a mãe que reside nas casas e que

¹ Primeiro, ela lavou bem o rosto e as mãos e então, reverenciou o príncipe, que lhe estendeu o sapato de cristal. Então, ela sentou-se no banquinho, descalçou o pesado sapato de madeira substituindo-o pelo de cristal, que coube perfeitamente. E quando ela se levantou, o príncipe olhou fixamente para o seu rosto e naquele momento, soube que ela era a donzela com quem havia dançado no baile e gritou: "Esta é a noiva perfeita!". A madrasta e as duas meios-irmãs ficaram atordoadas e pálidas de ódio. O príncipe colocou Cinderela em seu cavalo e partiu. E quando passaram pela aveleira, os pombos brancos gritaram: "Lá vão eles! Lá vão eles! Nenhum sangue no sapato. Está limpo; nem é muito pequeno. Afinal, ela é a noiva perfeita! (Tradução nossa)

jamais é comida ou poderá virar comida: presa fácil dos homens que se definem como sexualmente vorazes. Ou melhor, tais mulheres podem ser comidas, mas primeiro são transformadas em noivas e esposas. O bolo do casamento e o banquete que segue a cerimônia podem muito bem ser vistos como um símbolo dessa “comida” que será a noiva, algo elaborado e, sobretudo, socialmente aprovado pelos homens do seu grupo. Ora, a mulher da rua, essa que é comida de todos, é algo muito diferente, conforme já assinaléi acima. Em contraste com a mãe, a virgem e a boa esposa, ela surge como aquela mulher que pode literalmente causar indigestão nos homens, provocando a sua perturbação moral. [...] mas sem elas, reza paradoxalmente essa mesma ética, o mundo seria insosso como uma comida sem sal. (DAMATTA, 1984, p. 49)

Também agradava a Nacib a beleza e sensualidade da jovem mulata que, além de poder usufruir dela, agregava o fato de poder usar estes atributos nos negócios, pois, ao perceber que Gabriela ia ao bar, próximo ao meio-dia para levar os salgados de aperitivo, o número de frequentadores aumentava. Alguns atraídos pelo tempero de Gabriela, outros atraídos por sua beleza. Para o turco, o que importava era o lucro que crescia a cada dia mais. Pouco lhe importava ouvir os gracejos e as propostas indecentes dos coronéis, as desculpas que arranjavam para tocar a sua pele cor de canela. Seus sentimentos para com ela eram de puro interesse lucrativo, por isso, as maneiras nada convencionais de Gabriela em nada lhe importavam.

Quando se percebeu apaixonado pela sertaneja, Nacib passou a se questionar como seria possível fazer este amor acontecer sem ferir os valores sociais. Apesar de amá-la, sabia que mulatas não serviam para compromisso. Casamento deveria ser com moça de família, como era o costume:

Mas como casar com Gabriela, cozinheira, mulata, sem família, sem cabaço, encontrada no mercado de escravos? Casamento era com senhorita prendada, de família conhecida, de enxoval preparado, de boa educação, de recata virgindade. Que diria o tio, sua tia tão metida a sebo, sua irmã, seu cunhado engenheiro-agrônomo de boa família? Que diriam os Ashcar, seus parentes ricos, senhores de terra, mandando em Itabuna? Seus amigos de bar, Mundinho Falcão, Amâncio Leal, melk Tavares, o Doutor, o Capitão, dr. Maurício, dr. Ezequiel? Que diria a cidade? Impossível sequer pensar nisso, um absurdo. No entanto, pensava. (AMADO, 1995, p. 167)

Com efeito, ele, como todos os homens daquela sociedade, ele deveria se casar com uma mulher que desempenhasse o seu papel familiar e social. Esta tarefa restringia-se em preparar-se e manter-se recatada para encontrar o melhor partido para o casamento. Depois, o trabalho da mulher era basicamente educar os filhos,

respeitar e cuidar do marido, o que poderia significar ficar em casa enquanto os maridos e filhos homens se divertiam com outras mulheres. Não era novidade que as mulheres de muitos coronéis viviam na roça enquanto eles mantinham amantes em casas montadas, dando joias e vida luxuosa às prostitutas:

Por que não culpava certos maridos que nem ligavam para as esposas, tratavam-nas como criadas, enquanto davam de um tudo, jóias e perfumes, vestidos caros e luxo, às raparigas, às mulheres da vida que sustentavam, às mulatas para quem botavam casa? Bastava olhas ali mesmo na praça: aquele luxo de Glória vestindo-se melhor que qualquer senhora – será que coronel Coriolano gastava tanto com a esposa?

- Também, é uma velha decrépita...

- Não estou falando dela e sim do que se passa. É ou não é assim?

- Mulher casada é para viver no lar, criar os filhos, cuidar do esposo e da família... (AMADO, 1995, p. 82-83)

À mulher também cabia a função religiosa. Casadas e solteiras, iam à igreja com frequência para rezar e participar de eventos: “[...] os coronéis do cacau não primavam pela religiosidade, não frequentavam igrejas, rebeldes à missa e a confissão, deixando essas fraquezas para as fêmeas da família: - Isso de igreja é coisa para mulheres” (AMADO, 1995, p. 10).

Também nota-se uma grande diferença no que tange à educação dos homens e das mulheres. Poucas concluíam seus estudos do ensino médio, quase nunca chegavam à universidade. Normalmente estudavam em escolas locais ou colégios de freiras. Quando concluíam os estudos, as que já não estavam comprometidas tinham como foco principal encontrar um bom partido para se casarem. Por outro lado, os filhos homens concluíam seus estudos e partiam para as capitais para cursar o ensino superior nas melhores universidades. Conforme pode ser visto no seguinte trecho em que Malvina decide falar ao pai, melk Tavares, que quer frequentar a universidade: “Fazendeiros, exportadores, banqueiros, comerciantes, todos deram dinheiro para a construção do colégio das freiras, destinado às moças ilheenses [...]” (AMADO, 1995, p. 14), ou neste outro excerto:

- Não quero filha minha doutora. Vai pro colégio das freiras, aprender a costurar, contar e ler, gastar seu piano. Não precisa de mais. Mulher que se mete a doutora é mulher descarada, que quer se perder. (...) Os irmãos na Bahia, nos ginásios e faculdades. Com direito a mesadas, a gastar dinheiro, tudo fazer. (AMADO, 1995, p. 181)

Gabriela não se encaixava em nenhuma das atribuições dadas a uma

mulher da sociedade. Não era religiosa, nem instruída e era mulata. Tinha tudo o que precisava: trabalho e amor. Reconhecia que, ao lado de seu homem, não tinha condições de dar conta de tantas exigências da sociedade, por isso se contentava somente em ter o corpo quente e carinhoso de Nacib junto ao seu. Nada lhe importava além do amor que tinha por ele e saber que era amada. Não tinha fixação por casamento, pois, para ela, não havia a necessidade de uma aliança para selar um sentimento. Porém, na sua ingenuidade, conhecia as regras sociais da época e ciente de sua própria situação, não se importava em viver apenas como amante: “– Casar comigo? Por quê? Precisa não, dona Arminda, por que vai casar? Seu Nacib é pra casar com moça direita, de família, de representação. Por que havia de casar comigo? Precisa não...” (AMADO, 1995, p. 149).

Apesar de ter se mudado para a cidade, onde certamente havia um número maior de mulheres bonitas do que havia no sertão, Gabriela ainda chama a atenção dos moradores de Ilhéus pela sua sensualidade sem igual e atributos físicos, assim como pelo seu comportamento, que remete a uma visão sexual da personagem. Também é reconhecida pelos seus dotes na cozinha. Muito prendada, faz Nacib cair de amores pelo seu tempero. Assim, mais uma vez, associa-se a mulata com a imagem na cozinha e na cama.

Novamente, percebe-se de forma nítida a diferença entre mulheres esposáveis e as mulheres para diversão como descreve no trecho em que o autor mostra o conflito interno de Nacib, perdidamente apaixonado por Gabriela, no qual expressa o seu receio de perdê-la: “Jamais, ah! Jamais poderia querer assim tanto desejar, tanto necessitar sem falta, urgente, permanentemente, uma outra mulher, por mais branca que fosse, mais bem vestida e bem tratada, mais rica ou bem casada” (AMADO, 1995, p. 138).

Esta ótica é reforçada por Gilberto Freyre que, em *Casa-grande & senzala*, traz a distinção entre mulheres e como a sua cor está diretamente ligada ao seu papel na sociedade:

Pode-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda de mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”, ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela

outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as “virgens pálidas” e as “louras donzelas. (FREYRE, 2003, p. 36)

Em *O Canibalismo Amoroso*, Sant’Anna discorre sobre como a mulher de cor, como a descrita no poema *Retrato*, de João Salomé Quiroga, é vista na sociedade da época, fazendo mais uma vez a distinção da mulata com relação às mulheres brancas: “[...] quando a mulata é descrita em meio aos quitutes sedutores que prepara” (SANT’ANNA, 1986, p. 25), é diretamente associada com comida e ao desejo de devorar. Mais adiante, Sant’Anna reforça o pensamento de Freyre e de DaMatta sobre a circunstância de a mulher mulata não ser apropriada para casar, e sim para ser amante:

A rigor, poder-se-ia mesmo escalonar a dramatização do desejo, colocando a mulata como elemento mediador entre a branca e a prostituta. Ela é, de novo, o espaço da mestiçagem moral, o espaço do pecado consentido. Mas é evidente que a abertura dos sentidos em relação à mulher de cor está presa ao fato de que ela é considerada como um ser socialmente inferiorizado. (SANT’ANNA, 1986, p.27)

Nacib, não podendo mais fugir de seus sentimentos, ignorando todas as convenções, decide propor casamento à Gabriela. Diante do aceite do pedido, Nacib passa a se importar em como a imagem de Gabriela pode interferir nos negócios, pois deixaria de ser somente sua cozinheira e amante e passaria a ser sua esposa. Logo ele que era bem relacionado entre os figurões de Ilhéus e, se tudo desse certo, em breve seria também proprietário de restaurante e de terras de cacau. Em virtude disso, Nacib acha que é hora de Gabriela abandonar as suas raízes e desempenhar o seu papel de senhora da sociedade, como ele muitas vezes diz que irá educá-la para ser uma. Se Nacib não pode mudar o fato de sua futura esposa ser mulata, ao menos ele possui a esperança de conseguir moldá-la e inseri-la na sociedade de Ilhéus. Essa tentativa de transformação passa a ser mais acentuada a partir do noivado.

O que Nacib não sabia é que Gabriela, apesar de amá-lo, não sonhava em fazer parte naquela sociedade. Não conseguia e nem ao mesmo almejava conseguir desempenhar o papel de esposa perfeita. Gostava de imaginar como seria ser casada e andar de mãos dadas com o seu marido pelas ruas de Ilhéus, porém aborrecia a jovem a ideia de se adequar àquele padrão social. Por isso é que ela se contentava em ser somente namorada. A jovem sertaneja fora criada de maneira

totalmente diferente, pois perdera a sua família quando ainda era muito pequena. Nunca tivera posses. Sofreu desde muito moça as dificuldades que a vida lhe impunha. Foi criada por tio e foi esse mesmo tio o primeiro homem com quem se deitou ainda menina.

Gabriela não esperava muito da vida, apenas aquilo que era permitido às mulheres de sua cor e sua condição social. Reconhecia e aceitava o amor sem compromisso e a seu lugar de cozinheira. Aceitava que às mulatas era destinado o papel de ser amante e ter patrão. Gostava de cozinhar, preferia a cozinha a morar no mato. Gostava de estar na rua, fazendo parte da paisagem, ouvindo e encontrando pessoas. Porém, naquela época, o espaço da mulher restringia-se a ficar dentro de casa. Os homens é que aproveitavam a rua e tudo o que acontecia no espaço externo. iam aos bares, bordéis e praças. Nesse espaço masculino, falavam abertamente sobre negócios, jogos e mulheres.

Como se pode perceber em *A casa e a rua*, de Roberto DaMatta, o homem tinha comportamentos distintos, dentro de casa e na rua, “[...] em casa, porém, seu comportamento seria, em geral, marcado por um conservadorismo palpável, sobretudo se fosse um homem casado e falando de moral sexual diante de suas filhas e mulher” (1997, p.32). Era exatamente esta liberdade que a rua proporcionava que Gabriela gostava e que as mulheres casadas não podiam desfrutar, uma vez que passavam a maior parte do tempo em casa ocupadas com os afazeres domésticos e com a criação dos filhos.

Em sua obra, Jorge Amado mostra a necessidade imposta à mulher de ter filhos para se manter ocupada e, assim, não ter tempo de ir à rua ou sair para se divertir. Dona Sinhazinha, mulher na flor da idade, farta das grosserias de coronel Jesuíno, apaixonou-se pelo dentista Asmundo, com quem trai o esposo. Além dos fatores citados que contribuíram para a traição, pode-se adicionar o fato de ela ser “[...] mulher sem filhos nos quais pensar e dos quais cuidar” (AMADO, 1995, p.82).

Não tendo vocação para ficar trancada em casa criando os filhos ou servindo ao marido, Gabriela, que gostava de ser livre e ir para a rua, andar pela praia e ir ao circo, acaba ficando em uma situação difícil, uma vez que o casamento, de um lado, tolhe e compromete a sua liberdade e, por outro, desestimula o amor entre ela e Nacib.

3 OS SAPATOS DA SENHORA SAAD

Antes de falar sobre os sapatos de Gabriela, vale ressaltar a importância da aparência aos olhos da sociedade de Ilhéus em 1925. Convém que haja uma breve análise sobre o que era considerado elegante e de bom-tom para as senhoras casadas naquela época.

Para enfatizar a importância dos sapatos como acessório de grande relevância para as mulheres de alta classe social, pode-se considerar a procissão feita na cidade, organizada pelas beatas e pelo padre, à qual aderiu a grande maioria dos moradores de Ilhéus em prol das recém-plantadas lavouras de cacau. Até mesmo os coronéis, apesar de não serem religiosos, valiam-se também das rezas quando o risco de ruína de suas lavouras era eminente devido à falta de chuva. Sob clamor dos moradores de Ilhéus, das mais diversas camadas sociais e faixas etárias, marchas e promessas eram feitas a São Jorge, o santo católico considerado o padroeiro da chuva.

Algumas mulheres sacrificaram a sua elegância tirando os sapatos para perseguir a marcha da multidão, murmurando suas promessas e orações:

Certas senhoras de sociedade, numa promessa combinada durante o último baile do Clube Progresso, acompanhavam a procissão de pés descalços, oferecendo o sacrifício de sua elegância ao santo, pedindo-lhe chuva. Murmuravam-se promessas diversas, apressava-se o santo, nenhuma demora se lhe podia admitir, ele bem via a aflição de seus protegidos, era milagre urgente o que lhe pediam. (AMADO, 1995, p. 10)

Enquanto para algumas o sapato era acessório de elegância, para Gabriela era algo totalmente dispensável. Ao invés de sofridos cortejos de promessas e orações, vinha feliz e saltitante a seguir Nacib, deixando para trás todas as lembranças do sertão, andando feliz com os seus pés descalços sem se sentir sacrificada por isso:

Gabriela ia uns passos atrás com sua trouxa, já esquecida de Clemente, alegre de sair do amontoamento de retirantes, do acampamento imundo. Ia rindo com os olhos e a boca, os pés descalços quase deslizando no chão, uma vontade de cantar as modas sertanejas, só não cantava porque talvez o moço bonito e triste não gostasse. (AMADO, 1995, p. 99)

Durante o tempo que ficou na casa de Nacib como cozinheira e amante, ela andava feliz e livre a cozinhar, conversar, dançar. Sempre de pés descalços ou de

chinelos. Nessa época, a Nacib pouco importava a forma como Gabriela se comportava desde que pudesse dormir em seus braços quando chegava cansado do bar, de dia ou de noite.

Ao passar dos dias, o turco começou a dar presentes a Gabriela. Primeiro foram mimos baratos, como chinelos, brincos de pedra falsa e vestidos de chita. Conforme seus sentimentos por ela vão crescendo, também o valor dos presentes vai aumentando. Percebia a necessidade de ornamentar Gabriela. Achou que seria bom comprar-lhe um par de sapatos para que ela ficasse mais apresentável em suas idas ao bar:

Decidiu comprar-lhe uma lembrança, necessitada estava de um par de sapatos. Andava descalça o tempo todo em casa, vinha de chinelos ao bar, não ficava bem. Uma vez Nacib já reclamara: - arranje uns sapatos, brincando na cama, coçando seus pés. Os tempos de roça, a caminhada de sertão para o sul, o hábito de andar de pés no chão, não os haviam deformado, ela calçava 36, eram um pouco esparramados, o dedo grande, engraçado, para um lado. (AMADO, 1995, p.139)

Gabriela aceitou os sapatos apesar de não gostar, mas o faz por medo de machucar os sentimentos de seu Nacib, “moço tão bom!”. Gostava mesmo é de deixar os pés soltos, e isso está sempre claro na obra de Amado: “[...] Tudo que tenho, eu aproveito. Mesmo o sapato que seu Nacib me deu. Vou com ele pro bar. Mas, não gosto não, gosto mais de chinelos. Andar de sapato, não gosto não...” (AMADO, 1995, p. 149).

Com o crescimento de seus sentimentos e com o aumento das propostas dos coronéis e de homens importantes da sociedade ilheense de dar casa montada e dinheiro para ter Gabriela como concubina, Nacib começa a ter ciúmes da moça e sente medo de perdê-la. Sem saber o que fazer, decide pedi-la em casamento, pois essa seria a melhor forma de mantê-la para sempre ao seu lado e afastar os muitos pretendentes.

Ao aconselhar-se com o amigo João Fulgêncio, o turco não entende a metáfora sobre como as consequências do casamento e das convenções sociais que o permeiam podem afetar a alegria de Gabriela e a saúde de seu relacionamento: “Tem certas flores, você já reparou? Que são belas e perfumadas enquanto estão nos galhos, nos jardins. Levadas pros jarros, mesmo jarros de prata, ficam murchas e morrem” (AMADO, 1995, p. 194). O que poderia fazer morrer Gabriela, tão quente e alegre? O uso de sapatos.

Antes de se casar, Gabriela já havia recebido de presente de Nacib um par de sapatos. Aceitara, pois não queria magoar o homem amado. Contudo, não os usava. Apreciava a vida simples e feliz ao lado dele e em tudo era grata, desde os brincos baratos até o amor que recebia. Porém, dos sapatos não gostava, pois apertavam-lhe os pés. O próprio Nacib reclamava que “fazê-la calçar sapatos era um inferno” (AMADO, 1995, p. 209). Inferno ou não, o fato é que ela não tinha a necessidade de usar os sapatos, que considerava tão desconfortáveis. Ninguém impunha o que ela deveria calçar nos pés, até o dia em que aceitou o pedido de casamento.

A princípio, após dona Arminda fofocar-lhe que Nacib a amava e que era somente ela querer que o turco até se casaria com ela, Gabriela, imersa em seus pensamentos, cogita a ideia de ser casada, porém, em seu conceito, seu Nacib, como ela o chamava, “era para casar com moça distinta, todas nos trinquês, calçando sapatos...” (AMADO, 1995, p.150). Após algum tempo presa em seus pensamentos, conclui que não serve para o posto de esposa, pois “era capaz de ter que usar sapatos todos os dias” (AMADO, 1995, p.150).

Nos primeiros tempos após o casamento, Gabriela consentia em muitas coisas com as quais não concordava, somente as fazia para agradar o seu marido. Enchia o seu coração de alegria ver que Nacib ficava feliz com o seu comportamento. Em poucos meses, ganhara mais alguns sapatos. Esses vieram acompanhados de anáguas e meias, que ela aceitara com sorriso no rosto enquanto o seu coração chorava.

Não coincidentemente, ao passar a ocupar o posto de uma senhora naquela sociedade, tal ascensão pressupunha que não poderia mais andar de pés descalços. Sendo agora a senhora Saad, esposa de comerciante influente, não podia mais andar de pés descalços. Agora, já não era mais Gabriela, era a senhora Saad. A mudança de status marital veio acompanhada de uma drástica imposição de comportamentos sobre jovem, com os quais ela não estava habituada.

Precisava estar presa a uma personagem que nada tinha a ver com a Gabriela livre, que veio do sertão de pés descalços pela caatinga, saltitante e feliz, como se todos aqueles meses de caminhada não lhe causassem cansaço. Essa senhora Saad não podia mais ir ao bar, não podia andar de pés descalços, não podia dançar e nem ir ao circo. Podia somente fazer as coisas que eram possíveis de serem feitas com sapato apertado nos pés. Logo ela, que era um ser livre e

alegre que ficava com o coração triste quando via um pássaro preso em uma gaiola.

Quanto mais a obrigação de usar sapatos crescia, mais crescia a tristeza de Gabriela e mais se apagava o seu sorriso. O sorriso só voltava a brilhar em seu rosto quando tirava os sapatos. Se tinha que tornar a calçá-los, a felicidade ia embora. Por vezes, lembrava-se de quando era feliz, quando era só Gabriela. Completamente diferente de como se sente sendo a esposa de Nacib. Não por não amar o seu marido, mas por ser esposa e por isso ter que usar sapatos.

Ela sorriu, arrancou os sapatos, começou arrumar os pés descalços, tomou-lhe a mão, repreendeu: - Não pode mais não, Bié...

- O quê?

- Andar sem sapatos. Agora você é uma senhora.

Assustou-se:

- Posso não? Andar descalça, de pé no chão?

- Pode não. - E pó quê? - Você é uma senhora, de posses, de representação.

- Sou não, seu Nacib. Sou só Gabriela. (AMADO, 1995, p.196)

A ideia de ser a senhora Saad não agradava a Gabriela, pois ela não nascera para ser de ninguém e muito menos para ter um dono. Assim como todas as mulheres daquela época, soubera que com o casamento vinha também a submissão. Não importava se o casamento fora por amor ou arranjado, a mulher sempre teria um dono.

Vale ressaltar que, naquela época, a maioria das mulheres era educada para serem submissas aos seus maridos. Este comportamento é mostrado na obra de Mary Del Priore, *A mulher na história do Brasil*:

A mulher na história do Brasil tem surgido recorrentemente sob a luz de estereótipos, dando-nos enfada ilusão de imobilidade. Auto-sacrificada, submissa sexual e materialmente e reclusa com rigor, à imagem da mulher de elite opõem-se a promiscuidade e a lascívia da mulher de classe subalterna, pivô da miscigenação e das relações inter-étnicas que justificaram por tanto tempo a falsa cordialidade entre colonizadores e colonizados. (DEL PRIORE, 1994, p. 11)

Apesar de carregarem o sofrimento causado por esse comportamento de inferioridade perante o pai e, posteriormente perante o marido, poucas mulheres prezavam tanto pela liberdade quanto Gabriela. Ficavam reclusas e amarguradas em suas casas, obedecendo ao marido e cuidado dos filhos, que era o dever das senhoras casadas:

Dera-se conta da vida das senhoras casadas, igual à mãe. Sujeitas ao dono. Pior que freira. [...] Chegava um dia o pai com um amigo, acabava o namoro, começava o noivado. Se não quisesse, o pai obrigava. Acontecia uma casar com o namorado, quando os pais faziam gosto do rapaz. Mas em nada mudava a situação. Marido trazido, escolhido pelo pai, ou noivo pelo destino, era igual. Depois de casada, não fazia diferença, era o dono, o senhor, a ditar as leis, a ser obedecido. Para eles o direito, para elas o dever, o respeito. Guardiãs da honra familiar, do nome do marido, responsáveis pela casa, pelos filhos". (AMADO, 1995, p. 182)

Gabriela não tinha dono, não nascera para usar os sapatos do casamento. À ela, Nacib poderia pedir qualquer coisa, menos que ficasse trancada em casa, sem alegria de viver, não poderia ficar em casa com seu riso apagado. Em outro trecho da obra, o autor descreve a jovem Clara, que, apesar de ter sido educada para ser esposa e senhora, depois de casada, vive triste:

Jamais houvera moça mais alegre, mais cheia de vida, formosura sadia, dançarina de tangos, a sonhar aventuras. Tão apaixonada e romântica, tão rebelde e atirada! Casou por amor, assim pelo menos pensava. Não era o noivo fazendeiro, de mentalidade atrasada. Era um doutor, formado em Direito, recitava versos. E foi tudo igual. Que acontecera com Clara, onde ela estava, onde escondera a sua alegria, seu ímpeto, onde enterrara seus planos, tantos projetos? (AMADO, 1995, p. 182)

Mas qual o motivo da tristeza que acometia as mulheres depois do casamento? Para Gabriela, a tristeza não era o casamento em si, mas as consequências do ato de se casar, de desempenhar o papel de senhora. Ser senhora, comportar-se como senhora, era um sapato muito apertado para ela. Não gostava de sapatos, não gostava de estar presa.

Dessa forma, na obra de Jorge Amado, pode se distinguir duas pessoas em uma personagem só: Gabriela, alegre, livre e de pés descalços e a senhora Saad, triste e usando sapatos apertados. Dessa forma, trazendo a ideia de desfragmentação da personalidade devido ao olhar da sociedade.

Na véspera de Natal, Gabriela, cansada de estar presa fingindo ser uma senhora da sociedade, arranca os sapatos dos pés e segue puxando a dança de terno, dançando alegremente. As demais senhoras até juntam-se a dança e, calçadas com seus sapatos, dançam timidamente.

Gabriela, apesar de sua ingenuidade, percebe que também os homens de ilhéus precisavam usar sapatos às vezes. Essa atitude a incomoda de alguma forma, pois percebe nitidamente como a sociedade interferia no comportamento das pessoas.

Certa vez, com a passagem de um poeta pela cidade, Nacib, que também tinha a necessidade de manter bom trânsito entre os figurões da sociedade de Ilhéus para manter a freguesia de seu bar, comprou dois ingressos para o recital. Ao chegar à sua casa, disse para a esposa separar a sua melhor roupa, pois queria que ela fosse a mulher mais linda da noite. Gabriela conta para o marido que já havia feitos planos para aquela noite, iria assistir o seu amigo Tuísca se apresentar no circo local. Nacib ficou irritado com a recusa de Gabriela e ordenou que ela o acompanhasse à conferência na noite seguinte, complementando que circo não era lugar para a senhora Saad frequentar. Gabriela, apesar de contrariada, aceita para agradar o marido.

Gabriela encolheu-se perdida. Por que seu Nacib se zangara? Estava zangado, virado de costas, sem tocá-la sequer. Sentia falta do peso de sua perna na anca. E dos carinhos habituais, da festa no leito. Estaria zangado por Tuísca ter-se contratado de artista sem consultá-lo? Tuísca era parte do bar, ali tinha sua caixa de engraxate, ajudava nos dias de muita freguesia. Não era com Tuísca não, que ele estava zangado. Era com ela. Não a queria no circo por quê? Queria levá-la para ouvir doutor na sala grande da intendência. Gostava não! No circo podia ir com os velhos sapatos onde cabiam seus dedos esparramados. Na intendência tinha de ser vestida de seda, de sapato novo, apertado. Toda aquela lordeza reunida, aquelas mulheres que a olhavam de cima, que riam dela. Gostava não. Por que seu Nacib fazia tanta questão? (AMADO, 1995, p. 209).

Na noite seguinte, conforme ordenara Nacib, lá estava ela a sua espera, usando o vestido azul do casamento, calçada, com os pés doendo. Ainda com o dilema do circo e do recital, Gabriela faz reflexões durante a conferência. Apesar de gostar dos moços bonitos da cidade, ela percebe que eles se comportam de maneira diferente de acordo com o local em que estão inseridos. Gabriela se dá conta de que quando estão reunidos socialmente eles ficam mais sérios, completamente diferentes de quando ela os encontra no bar ou na rua. Ela não gosta deles em reuniões onde precisam fazer boa figura para as esposas e para a sociedade. Prefere quando os vê no dia a dia, mais autênticos, sem representar os seus papéis sociais:

Seu Nacib era bom, quem podia duvidar? Quem podia negar? Por que então ficava zangado, virava de costas, só porque ela pedira para ir ao circo? Dizia que ela era uma senhora, a senhora Saad. Não era não, era só Gabriela, de alta roda não gostava não. Dos moços bonitos da alta roda, gostava sim. Mas não reunidos, em lugar importante. Ficavam tão sérios, não diziam gracinhas, não sorriam para ela. Gostava de circo, não havia no mundo coisa tão boa. E mais com Tuísca contratado de artista... Morreria de

pena se não fosse... Nem que fugisse. (AMADO, 1995, p.209)

Gabriela sabia que o marido e muitas das pessoas presentes na conferência não gostavam de estar ali, ela só não entendia o motivo de tanto esforço para estar sentado, com sono, ouvindo palavras difíceis, que muitos não sabiam sequer o significado. Porém, como que por obrigação, aplaudiam ao final de cada poema. Essa situação de não entender a linguagem poética causava sono também a Nacib, como mostra o trecho a seguir.

Ela ia fechando os olhos na cadência do verso, desviando os olhos do relógio e o pensamento do circo, e, de repente, acabavam as estrofes, a voz clamava, Gabriela estremeceu, perguntava a Nacib.

- Já vai acabar?

- Psiu! – fazia ele.

Mas também ele sentia sono, Gabriela bem percebia. Apesar do ar atento, dos olhos fitos no doutor conferencista, apesar da força que fazia, de quando em vez, nos versos compridos, as pestanas de Nacib batiam, os olhos fechavam. Acordava com as palmas, incorporava-se a elas, comentava para a esposa do dr. Demóstenes a seu lado:

- Que talento! (AMADO, 1995, p. 211)

Sabia que o marido não apreciava esses eventos, muito menos poesia. Compreendia muito pouco das palavras que eram recitadas, mas julgava importante comparecer e se fazer notado. Aplaudir e fazer comentários também eram necessários para que os demais presentes soubessem que ele era um homem culto e de bom gosto, digno de ter o seu lugar naquela sociedade:

Se seu Nacib não gostava, caía no sono, por que é que vinha? Que coisa mais esquisita, por que é que vinha, pagava entrada, largava o bar, no circo não ia? Entendia não... e se zangava, virava de costas porque ela pedia para não vir. Coisa esquisita.

(...) Palmas e palmas, arrastar de cadeiras, todo mundo andando para o tablado. Nacib a levou. Apertaram a mão do homem, diziam-lhe palavras de gabação:

- Formidável! Maravilhoso! Que astro! Que talento!

Seu Nacib também:

- Como gostei...

Não tinha gostado, estava mentindo, ela sabia quando ele gostava. Dormira um bocado, por que a gabação? (AMADO, 1995, p. 212)

Por que a gabação? Era isso que Gabriela não entendia. Por que tentar mostrar uma coisa que não estava sentindo? Por que fazer um elogio falso? Isso, ela nunca entenderia, mas Nacib sim.

Nacib era imigrante sírio e todo o prestígio que tinha conquistado em Ilhéus

fora à custa de muito esforço. Sabia muito bem da importância de bajular para manter a freguesia do bar Vesúvio. Sabia que se quisesse juntar dinheiro para comprar a tão sonhada roça de cacau, precisava fazer boa figura, ser reconhecido na cidade. Agradava-lhe a ideia de fazer parte daquela sociedade e estava desempenhando o seu papel de homem da sociedade com muita desenvoltura. Na noite em que brigara com Gabriela para ela o acompanhar no recital, fez uma reflexão de como o seu espaço na sociedade estava mudando.

Até quando Gabriela persistiria recusando-se à vida social, a conduzir-se como uma senhora da sociedade de Ilhéus, como sua esposa? Afinal, ele não era um pobre diabo qualquer, era alguém, o sr. Nacib A. Saad, com crédito na praça, dono do melhor bar da cidade, com dinheiro no banco, amigo de toda gente importante, secretário da Associação Comercial. Agora falavam em seu nome até para a diretoria do Clube Progresso. E ela metida em casa, saindo apenas para o cinema com dona Erminda, ou com ele aos domingos, como se nada houvesse mudado em sua vida, fosse ainda aquela Gabriela sem sobrenome que ele encontrara no mercado de escravos, não fosse a senhora Gabriela Saad. (AMADO, 1995, p. 209)

Esse reconhecimento de seu nome em Ilhéus acontecera com muito trabalho e dedicação. Nacib não entende por que Gabriela não consegue fazer o mínimo de esforço para se encaixar nesta sociedade na qual ele já havia conquistado o seu espaço.

3.1 Cinderela e Gabriela: Duas visões sobre um sapato

Os sapatos tiveram como prioridade, desde a antiguidade, a proteção dos pés dos humanos. Porém, a verdade é que, muito além disso, serviram por muito tempo no Brasil como distinção social. Os nobres, homens e mulheres, usavam este acessório como complemento de suas roupas de tecidos caros. Uma curiosidade é que alguns escravos usavam roupas finas fornecidas por seus senhores que gostavam de vesti-los bem, pois isso era uma forma da família branca demonstrar a sua riqueza, ou seja, quanto mais enfeitado o escravo fosse, mais posses os donos tinham.

Contudo, apesar de vestirem-se com roupas elegantes e caras, esses negros ficavam descalços, para diferenciá-los dos negros livres e destacar a sua condição servil, conforme mostra a descrição de uma fotografia de Militão Augusto de Azevedo, datada de 1870, encontrada no volume dois de *História da vida privada no*

Brasil, organizado por Fernando A. Novais (1997, p.18):

A ordem privada escravista. O homem branco é o senhor, dono, proprietário dos cinco outros homens negros e mulatos. Está na frente, na posição de autoridade e de domínio. Os outros se encontram atrás. O primeiro à esquerda do senhor é mulato, está bem vestido. Ao contrário dos outros, deixou o cabelo meio liso crescer, penteou-o, fez uma risca do lado esquerdo, como o seu senhor. Mas não pode usar sapatos, privilégio e marca distinta dos livres e libertos.

Para Cinderela, personagem do conto dos irmãos Grimm, calçar os sapatos significa a sua ascensão social, deixar para trás as suas roupas velhas e sujas de cinza, se assemelhando à sua madrasta má e a suas meios-irmãs. Significa o fim de uma vida de sofrimentos que ela não superaria sozinha, não importa o quanto se esforçasse, pois, apesar de fazer tudo o que lhe era ordenado, nunca era o suficiente para fazer parte do seu meio de convivência social, que tratava-se da madrasta e das meios-irmãs, que estavam sempre a criticá-la e impondo-lhe toda a sorte de sofrimentos possíveis. Bruno Bettelheim, em *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, observa que a jovem “[...] deve executar os trabalhos mais sujos e mesmo fazendo-os bem, não é aceita por eles; só lhe fazem mais exigências” (2002, p. 253).

O início da jornada de escalada social para Cinderela se dá no momento em que ela descobre que o príncipe pretende dar um baile na corte, com o intuito de escolher a sua futura esposa. Mesmo ciente da sua condição de serviçal, a garota acredita que, se conseguisse ir à festa, poderia ser a escolhida entre as muitas pretendentes para ocupar o posto de princesa. Entretanto, para que possa atender ao evento, a jovem precisa tomar algumas providências. Para ajudá-la, logo lhe aparece a sua fada madrinha, com vestido, carruagem e sapatos de cristal, não sem impor regras: deixar o baile antes da meia-noite.

Ao avistar a noiva perfeita, o príncipe logo a chama para dançar. Apaixonada, Cinderela sabe que se não deixasse o baile imediatamente o feitiço acabaria e ela, de volta à sua aparência normal, seria humilhada pela corte. Fugiu apressada, quando o relógio bateu meia-noite.

Durante a fuga, acabou deixando para trás o seu sapato de cristal, ficando livre, ainda que contra sua vontade, daquela representação social na qual havia sido inserida de última hora. Triste, de volta a sua realidade de serviçal, a jovem lamenta a sua sorte, lembrando os maravilhosos momentos que passara junto ao príncipe no baile. Tinha sido moldada desde a infância para ocupar aquele lugar e por isso

continuava a sonhar que em algum momento de sua vida um príncipe apareceria para salvá-la.

No romance de Jorge Amado, Gabriela também sente na pele a mesma opressão. Apesar do esforço que fazia para agradar, nunca era suficiente. Nacib não se cansava de lhe dar sapatos e vestidos, exigindo que ficasse perfeita aos olhos críticos da sociedade. Ele queria salvá-la do seu estereótipo de mulata, queria educá-la para que fizesse parte da alta roda ilheense. Porém, ao contrário de Cinderela, Gabriela não precisava de um salvador. Por muitas vezes recusara propostas dos coronéis mais ricos de Ilhéus, de dar-lhe casa montada, conta aberta em lojas chiques e luxo. Nunca pertencera a ninguém, nem mesmo durante a caminhada longa e difícil que fizera em companhia de outros que deixaram o sertão com destino a Ilhéus, como mostra este trecho do diálogo entre Clemente e Fagundes:

- Num sei...Pra mim é assim. Tu pode dormir com ela, fazer as coisas. Mas ter ela mesmo, ser dono dela como é das outras, isso nunca ninguém vai ser.

- E por quê?

- Num sei, o diabo é que sabe. Num tem explicação.

Sim, o negro Fagundes tinha razão. Dormiam juntos à noite, no outro dia era como se ela nem se recordasse, olhava-o como aos outros, tratava-o como aos demais. (AMADO, 1995, p. 101)

Na narrativa dos irmãos Grimm, a jovem Cinderela sonhava com o dia em que um homem apareceria para calçar-lhe os sapatos e elevar-lhe à posição de servente para dama da sociedade. Este tão esperado momento chegou, quando, num dia, acompanhado dos cavaleiros reais, o príncipe entrou no vilarejo onde a jovem residia e pediu para que todas as mulheres da casa se apresentassem para que pudesse testar o lindo sapato de cristal no pé de cada uma delas, a fim de encontrar a desastrada dona que o deixara nas escadarias do palácio. Sapato esse que já havia sido experimentado no pé de muitas jovens da redondeza, sem que servisse no pé de nenhuma.

O conto mostra que muitas das jovens faziam sacrifícios dolorosos, esperançosas de que o pé coubesse no sapatinho, ainda que ficasse apertado. Porém, o jovem herdeiro era irredutível e só se casaria com aquela em que o sapato servisse perfeitamente. A busca pela princesa acabou no dia em que a tropa chegou à casa de Cinderela e a jovem provou o sapato. Sendo do tamanho exato do seu pé,

ela deixou a casa onde era maltratada e recebia tratamento de escrava para emergir vitoriosa e viver feliz para sempre, casada e dona de um reino.

O dia de provar os sapatos também chegou para Gabriela, porém, com menos entusiasmo. Durante a cerimônia, vestida com tecido fino, anáguas, meias e sapatos, a jovem sorria para os presentes, apesar de sentir os pés apertados. O mesmo comportamento se repetiu durante a recepção, na casa de Nacib. Mais tarde, a festa de casamento foi interrompida por alguém que anunciava a chegada das máquinas para a reconstrução do porto, todos decidem sair, curiosos, para ver a chegada do que significava o progresso de Ilhéus. Livre da representação e do comportamento forçado que tivera que assumir durante a cerimônia e perante os convidados, Gabriela sentiu-se livre para correr e decide que seria melhor se tirasse os sapatos, e assim o fez e, claro, foi repreendida pelo marido, que rigorosamente reprovou o comportamento.

Com o acontecimento, a jovem sertaneja toma conhecimento de que a vida de mulher da sociedade não era fácil para alguém que nunca almejava isso. Ao contrário de Cinderela, ela não gostava de ter que abandonar o baile antes da meia-noite, como na ocasião em que saiu pelas ruas da cidade em busca do jagunço Loirinho, que ficara responsável por salvar a vida de Fagundes caso o plano de matar Mundinho Falcão falhasse. Ela não só havia acolhido o atirador e companheiro de jornada em sua casa como também se dispusera a achar a pessoa que poderia ajudá-lo a sair de sua casa com vida. A senhora Saad, com os pés confortáveis, não se importava com o horário considerado inadequado para uma mulher casada ser vista andando pela rua:

Batiam os bosques, palmo a palmo. Gabriela calçou uns velhos sapatos amarelos. O relógio marcava pouco mais de nove e meia. Àquela hora mulher casada já não saía mais sozinha nas ruas de Ilhéus. Só prostituta. Nem pensou nisso. Não pensou tampouco na reação de Nacib se viesse a saber, nos comentários do que a vissem passar. O negro Fagundes fora bom para ela na caminhada, junto com os retirantes. (AMADO, 1995, p. 229)

Gabriela revela-se uma personagem distinta da jovem do conto de fadas. Nota-se que enquanto Cinderela havia sido talhada para usar os sapatos da sociedade, Gabriela sequer ligava para eles. Porém, apesar de as duas personagens apresentarem visões totalmente distintas sobre este elegante acessório, percebe-se que ambas buscam a felicidade e o amor, cada uma a sua

maneira. Uma calçando os sapatos e a outra descalçando-os.

Gabriela pensava com frequência sobre como perdeu toda a sua liberdade do dia para a noite. Ganhara o homem que amava, mas isso não era suficiente. Não achava justo ter de escolher entre duas coisas que queria tanto, o amor de Nacib e a sua liberdade. No início, o amor que tinha pelo marido fora capaz de vencer a frustração de não poder fazer o que a fazia feliz, o que fazia valer a pena viver:

Por que se casara com ela? Era ruim ser casada, gostava não... Vestido bonito, o armário cheio. Sapato apertado, mais três pares. (...) Que ia fazer com esse mundo de coisas? Do que gostava, nada podia fazer... Roda na praça com Rosinha e Tuísca, não podia fazer. Ir ao bar, levando a marmita, não podia fazer. Rir pra seu Tônico, pra Josué, pra seu Ari, seu Epaminondas? Não podia fazer. Andar descalça no passeio da casa, não podia fazer. Correr pela praia, todos os ventos em seus cabelos, descabelada, os pés dentro d'água? Não podia fazer. Rir quando tinha vontade, fosse onde fosse, na frente dos outros, não podia fazer. Dizer o que lhe vinha na boca, não podia fazer. Tudo quanto gostava, nada disso podia fazer. Era a senhora Saad. Podia, não. Era ruim ser casada. (AMADO, 1995, p. 239)

Com o passar dos dias, as responsabilidades do casamento iam deixando Gabriela cada vez mais triste e decepcionada, como acontecia com a maioria das mulheres da sociedade da época. As proibições, as mudanças que tivera que fazer para ocupar o posto de senhora Saad, eram duras demais para ela. Tivera que praticamente mudar tudo o que era de sua natureza alegre e livre. Agora, era triste, não tinha mais o sorriso encantador de Gabriela. Era uma flor a perder o perfume a cada dia. Fazia o seu melhor para agradar Nacib, não queria magoá-lo. “Gosto de fazer a vontade de seu Nacib. Só que tem coisa que não sei fazer, não. Por mais que eu queira não chego a gostar” (AMADO, 1995, p. 236).

Todavia, ao contrário das senhoras de Ilhéus, o fato de ter que fazer somente o que parecia bom aos olhos dos outros não a fazia sentir-se conformada. Muito pelo contrário, o seu espírito livre crescia no peito a cada vez que sofria opressão. A vontade de abrir a gaiola e deixar escapar o pássaro crescia a cada dia. Ia vivendo um dia de cada vez sem saber qual seria o último dia da sua prisão.

Sua maior reflexão agora era o motivo pelo qual havia se casado. De alguma forma, queria atribuir a Nacib e à sociedade a culpa pela sua infelicidade, como é possível perceber nos trechos da obra que ela se questiona do porquê de ele ter se casado com ela, de ter a pedido em casamento e o motivo de ela não poder rejeitar por medo de magoá-lo:

Por que casara com ela? Precisava não... Bem melhor antes.(...). Seu Nacib, estava querendo, com medo de perdê-la, dela ir embora. Besteira de seu Nacib. Por que ir embora, se estava contente a mais não poder? Com medo dela, trocar de cozinha, a cama e seus braços por casa posta, em rua deserta, por um fazendeiro. Conta na loja e no armazém. Cada velho horroroso, calçado de botas, revólver na cinta, dinheiro no bolso. Bom tempo era aquele. Cozinhava, lavava, a casa arrumava. Ia ao bar levando a marmitta. Uma rosa na orelha, um riso nos lábios. (AMADO, 1995, p. 239)

Nacib, com temor de perdê-la, estava perdendo-a agora com as exigências que fazia e que ela não podia acatar. Em sua ingenuidade, Gabriela acreditava que o marido não fazia por mal, tentava mudá-la com o desejo de que fosse aceita por aquela sociedade que tinha grande importância para ele. Queria que ela fosse reconhecida como a senhora Saad, sua esposa e não mais a retirante que encontrara no porto e tomara como cozinheira. Esse desejo de transformá-la em outra pessoa fazia Gabriela se sentir perdida, conforme mostra a citação a seguir que discorre sobre o momento em que ela deixa de ir ao circo ver a apresentação de seu amigo Tuísca para ir ao recital de poesias com o marido, usando sapatos novos:

Queria-a tão bem vestida como a senhora mais rica, como se isso apagasse o seu passado, as queimaduras do fogão, o sem jeito de Gabriela. (...) Pelo braço de Nacib, enfiada na roupa azul do casamento, vestida como uma princesa, os sapatos doendo, atravessou as ruas de Ilhéus e subiu, desajeitada, as escadas da intendência. O árabe parava para cumprimentar amigos e conhecidos, as senhoras olhavam para Gabriela de alto a baixo, cochichavam e sorriam. Ela sentia-se sem jeito, atrapalhada, com medo. (AMADO, 1995, p. 210)

Era justamente o passado que Nacib fazia questão de tentar apagar que fazia Gabriela orgulhar-se de quem era. Ele, por sua vez, também havia notado a diferença no comportamento da esposa. Percebera que sua mulher já não era mais alegre e feliz como outrora. Sabia que a essa mudança devia-se ao fato de tê-la forçado a mudar demasiadamente o seu jeito de ser. Mas o que poderia fazer? Ele era parte de uma sociedade e uma vez que aceitara se casar, ela precisava se submeter àquele estilo de vida diferente, que tanto odiava. Nacib fora traçando uma linha de pensamento em que tudo se encaixava. Não acreditava que essa mudança atribuíria-se ao casamento em si, como no excerto a seguir, mas ao que o ato trouxera consigo:

Tonico, consultado em encabuladas confidências, atribuíria a mudança ao

matrimônio, diferenças sutis e complicadas entre o amor de esposa e o amor de amante. Podia ser, mas Nacib duvidava. Por que então não sucedera logo após o casamento? Continuaram por algum tempo as mesmas noites alucinadas de antes, ele acordando tarde no dia seguinte, chegando ao bar fora do horário. A mudança fizera-se visível quando começaram os desentendimentos. Gabriela devia ter-se zangado bem mais do que mostrava em aparência. Talvez ele houvesse exigido em demasia, sem levar em conta a maneira de ser de sua mulher, querendo transformá-la de um dia para outro numa senhora de alta roda, da nata ilheense, arrancando-lhe à força seus hábitos arraigados. Sem paciência para educá-la aos poucos. Ela queria ir ao circo, ele a arrastava à conferência enfadonha, soporífera. Não a deixava rir por um todo e por um nada como era o seu costume. Repreendia-a a todo momento, por ninharias, no desejo de torná-la igual às senhoras dos médicos e advogados, dos coronéis e comerciantes. Não fale alto, é feio. Cochichava-lhe no cinema. Sente-se direito, não estenda as pernas, feche os joelhos. Com esses sapatos, não. Bote os novos, para que tem? (AMADO, 1995, p. 235)

A agonia de não poder ser ela mesma para agradar ia fazendo com que Gabriela ficasse cada vez mais triste e sem vida. Também o fato de saber que Nacib a deixaria quando soubesse que ela estava fazendo algumas coisas que somente os homens tinham o direito de fazer. Não tinha ciúmes do marido se ele se deitasse com outra, contudo sabia que seria o fim de seu relacionamento se fosse ao contrário. Sabia que o marido poderia matá-la se descobrisse que o enganava. Era um direito dos homens de lavar a honra. Mas o que a incomodava não era o medo de morrer, pois morria a cada dia que passava sem poder fazer o que gostava e se o fizesse, tinha que ser escondido. Temia era perder o amor de Nacib:

Agora não tinha mais jeito, por que aceitara? Para não ofendê-lo? Quem sabe com medo de um dia perdê-lo? Fez mal em aceitar, agora era triste, vivia fazendo o que não lhe agradava. E pior de tudo, para ser Gabriela, alguma coisa possuir, sua vida viver, ah! Fazia escondido, ofendendo, magoando. Seu amigo Tuísca nem vinha mais vê-la. [...] Tuísca, achava que ela devia ser a senhora Saad, não mais Gabriela. (AMADO, 1995, p. 240)

Não podia agradar a Nabib sendo Gabriela, era impossível. Desde o começo soubera que Nacib deveria se casar com moça distinta, apropriada para assumir o papel de senhora Saad. Ela amava Nacib como nenhuma outra amaria, mas não suportava a ideia de ser a senhora Saad e as obrigações que este título lhe impunha. Sabia que muitas mulheres não se importariam de anular-se para assumir o papel de esposa, mas ela não era assim. Sua personalidade forte, a alegria e a musicalidade inerentes a ela não a permitiam ficar à sombra do marido. Tinha suas próprias vontades e era isso que dava sentido à sua vida. Era esta necessidade de

negação aos seus desejos, o fato de ter que reprimi-los dentro de seus sapatos, que fazia Gabriela repelir a senhora Saad:

Bem melhor antes, tudo podia fazer, ele tinha ciúmes mas eram ciúmes de homem solteiro, logo passavam, passavam na cama. Podia tudo fazer sem medo dele ficar ofendido. Antes cada minuto era alegre, vivia a cantar, os pés a dançar. Agora cada alegria custava tristeza. Não tinha ela de visitar as famílias de Ilhéus? Ficava sem jeito, vestida de seda, sapato doendo, em dura cadeira. Sem abrir a boca para não dizer inconveniência. Sem rir, parecendo de pau, gostava não. Para que lhe servia tanto vestido, tanto sapato, jóias, anéis, colares e brincos, tudo de ouro, se não podia ser Gabriela? Não gostava de ser a senhora Saad. (AMADO, 1995, p. 240)

Quanto mais os sapatos apertavam-lhe os pés, maior era a sua vontade de livrar-se deles. Em conversa com Clemente, que continuava apaixonado por Gabriela e só fazia pensar nela e queria voltar à cidade para vê-la, Fagundes, que havia sido abrigado por ela durante fuga da polícia, diz ao amigo que não tem necessidade de ir até lá pois ela “tá uma dona casada, mais bonita que nunca, não mudou a natureza com o casório, fala com a gente da mesma maneira” (AMADO, 1995, p. 269). O fato de ser a senhora Saad não havia mudado em nada a sua natureza. Sempre que possível, deixava de ser a senhora casada com o bem-sucedido comerciante. Quando ia a jantares e reuniões, quando não estavam olhando para ela, arrancava os sapatos embaixo da mesa. Como acontecera no baile de Natal. Gabriela girou com vários homens naquelas danças que também não gostava. Não eram bailados que se podia soltar o corpo e expressar a alegria do espírito, mas sim bastante formais, homens e mulheres calçados:

Gabriela dançou com Nacib, com Tonico, com Ari, com o Capitão. Volteava com graça mas essas danças não amava dançar. Rodando nos braços de um cavalheiro. Dança para ela era outra coisa, um coco mexido, um samba de roda, um maxixe embolado. Ou bem uma polca puxada a harmônica. Tango argentino, valsa, foxtrote, gostava não. Ainda mais com aquele sapato mordendo seu dedo espalhado. (AMADO, 1995, p. 249)

Dançar aquelas músicas as quais não gostava e usando aquele sapato apertado a esmagar-lhe os pés não a agradava. No entanto, naquela noite, Gabriela tinha mais um motivo para ficar cabisbaixa enquanto a sociedade se divertia:

Naquela mesma noite sairia o terno com suas lanternas, suas canções e seu estandarte. Gabriela estaria de mantilha rendada, vestida de seda, com sapatos apertados. No baile sentada, de olhos baixos, calada, sem saber como se comportar. (AMADO, 1995, p. 246)

Era véspera de Natal, noite de terno de reis. Depois de tantos ensaios escondidos de Nacib, não poderia sair às ruas puxando a dança, pois, aquela noite era noite de usar sapatos e roupa fina. Porém, “por baixo da toalha, Gabriela arrancava o sapato, passava a mão no pé dolorido. Fazia esforço para não bocejar” (AMADO, 1995, p. 249). Quando, de longe, ouviu o som do terno e dos apitos, não podendo sair correndo pelo meio do salão descalça, “Gabriela enfiou o sapato, foi das primeiras a chegar no passeio. Nacib a ela se reuniu, a irmã e o cunhado estavam bem perto, simulavam não vê-la” (AMADO, 1995, p. 249).

Musical e livre que era, Gabriela não pôde conter os seus desejos, que, ainda que sufocados dentro dos sapatos, davam sinal de vida. Sem nem mesmo perceber que estava em meio a toda a sociedade de Ilhéus, a única coisa que conseguia enxergar era o terno de reis e Miquelina ocupando o lugar que lhe pertencia. Rapidamente, sem nem mesmo pensar se magoaria Nacib, abandona os sapatos e começa a dançar. Era todo o seu espírito livre, ali, solto nas ruas de Ilhéus:

Gabriela não enxergava mais nada além do terno de reis, das pastoras com suas lanternas, Nilo com seu apito, Miquelina com o estandarte. Não via Nacib, não via Tônico, não via ninguém. Nem mesmo a cunhada de nariz insolente. Seu Nilo apitava, as pastoras formavam, o bumba-meu-boi já ia adiante. Outra vez apitava, as pastoras dançavam, Miquelina volteava o estandarte na noite.

lam noutra parte cantar, pelas ruas dançar. Gabriela descalçou os sapatos, correu para a frente, arrancou o estandarte das mãos de Miquelina. Seu corpo rodou, suas ancas partiram, seus pés libertos a dança criaram. O terno marchava, a cunhada exclamou: - Ah! (AMADO, 1995, p. 250)

Jerusa, neta do coronel Ramiro, aproveitou a deixa de Gabriela e juntou-se ao grupo. Outros, depois dela, avançaram e, reunidos, seguiram pelas ruas a dançar. Senhoras e senhoritas calçadas em seus sapatos acompanhavam a dança timidamente. Mas era Gabriela quem ocupava a posição de destaque. Descalça, rodava alegremente como se não houvesse outra coisa no mundo, como se não houvesse ninguém a observá-la. Como se não fosse a senhora Saad:

E então ela também avançou, tomou a lanterna de uma pastora, se pôs a dançar. Avançou um rapaz, um outro também, Iracema tomou a lanterna de Dora. Mundinho Falcão tirou o apito da boca de Nilo. O Mister e a mulher caíram na dança. A senhora de João Fulgêncio, alegre mãe de seis filhos, a bondade em pessoa, entrava no terno. Outras senhoras também, o Capitão, Josué. O baile inteiro na rua a brincar. No rabo do terno a irmã de Nacib e seu marido doutor. Na frente Gabriela, o estandarte na mão. (AMADO, 1995, p. 250)

Estes raros momentos de alegria não eram suficientes para Gabriela. Nascera para ser livre todos os dias, para fazer somente o que lhe dava prazer. Não havia sido moldada para obedecer às regras da sociedade. A cada momento de liberdade que vivenciava, por mais breve que fosse, dava-lhe força ao espírito para continuar lutando contra as opressões. Aos poucos, sentia renascer dentro de si a Gabriela de antes. Esta Gabriela ia aos poucos, matando a senhora Saad:

Um pássaro lhe trouxe e ela soltou. Sapato apertado, gostava não... Andava em chinela, vestida de pobre, um laço de fita. Gostava de tudo: do quintal de goiaba, mamão e pitanga. De sol esquentar com seu gato matreiro. De conversar com Tuísca, de fazê-lo dançar, de dançar para ele. Do dente de ouro que seu Nacib mandou lhe botar. De cantar de manhã, a trabalhar na cozinha. De andar pela rua, de ir ao cinema com dona Arminda. De ir no circo quando, no Unhão, circo se armava. Bom tempo era aquele. Quando ela não era a senhora Saad, era só Gabriela. Só Gabriela. (AMADO, 1995, p. 239)

E quanto mais podia ser Gabriela, mais queria ver-se livre da senhora Saad. Amava Nacib verdadeiramente. Porém, não tolerava ser a sua esposa. Para ela, casar não tinha importância. Não precisava usar uma aliança para provar os seus sentimentos por ele. Ao casar-se só fizera magoá-lo e aborrecer-se a si mesma. Queria ser como antes, queria ser somente Gabriela, sem sobrenome:

Seu Nacib era tudo, tudo que possuía. Ruim ser casada. Besteira casar. Bem melhor fora antes. A aliança no dedo em nada mudara seus sentimentos por seu Nacib. Apenas, casada, vivia a brigar, a ofendê-lo, todo dia a magoá-lo. Gostava não, de ofendê-lo. Mas como evitar? Tudo quanto Gabriela amava, ah! Era proibido à senhora Saad. Tudo quanto a senhora Saad devia fazer, ah! Essas coisas Gabriela não as tolerava. (AMADO, 1995, p. 240)

Cinderela, por sua vez, calçada com sapatinhos de cristal, vivera feliz para sempre, pois “o príncipe não se desencoraja pela aparência esfarrapada de Borradeira porque reconhece as suas qualidades internas, independentes do seu aspecto exterior” (BETTELHEIN, 2002, p. 267). Nacib, ao contrário do personagem do conto dos irmãos Grimm, não consegue ver nada senão as atribuições físicas de Gabriela, sem se importar com o seu interior.

Todo este impasse, juntamente com o desejo da liberdade feminina, resultou no divórcio de Nacib e Gabriela. O desfazer do casamento não aconteceu da forma como Gabriela desejava, pois acabou por perder o amor de Nacib. Após descobrir que ela o traía com Tônico Bastos, o turco deu-lhe uns tapas e expulsou-a de casa.

Ela deixou a casa de Nacib e nela todos os seus sapatos, dentre eles, “dois pares de sapatos novos. Nunca haviam sido calçados” (AMADO, 1958, p.266). Mudou-se para morar com dona Arminda. Assim, termina a breve convivência de Gabriela com os sapatos.

4 GABRIELA SEM SAPATOS

Gabriela, a jovem sertaneja chegada em Ilhéus coberta de pó, sem destino ou dinheiro, dona de um espírito livre era incapaz de viver presa a convenções sociais ou até mesmo ao amor. Para ela, o amor não prende, liberta. Traz consigo a habilidade de quebrar costumes, atitude que de certa forma incomoda a sociedade tirana de Ilhéus. Nacib, comerciante conhecido na cidade, precisa seguir as regras sociais mas, por outro lado, precisa garantir que o tempero e os quitutes da amante-cozinheira continuem a atrair mais fregueses ao bar. A insegurança do turco deriva das ofertas de donos de restaurante enlouquecidos para tê-la em suas cozinhas para temperar os pratos com o melhor tempero de Ilhéus e das propostas indecentes dos coronéis fascinados por sua beleza mulata, dispostos a dar-lhe casa e luxo para se deitarem com ela. Tantas eram as inseguranças de Nacib, a necessidade de prendê-la de alguma forma, que resultaram no ruinoso casamento.

O casamento funciona como um divisor de águas para Gabriela e Nacib. Antes, o amor deles era sublime enquanto se relacionavam como patrão e empregada-amante. Depois de se casar, Gabriela quer continuar a fazer as coisas que costumava fazer quando solteira. Logo após o casamento, Nacib começa a mostrar para ela que a alegria e liberdade de Gabriela não poderiam servir de companhia à senhora Saad pois, agora que era casada, não ficava bem que transitasse pelo espaço masculino como costumava fazer antes.

Gabriela se sentia cansada e triste por estar casada. Gostava de ter Nacib, embora não lhe agradasse a mudança dele após o casamento. Tinha ciúmes, obrigava-a a calçar os sapatos. Não podia sair à rua todos os dias e muito menos vê-lo no bar. Como poderia sentir-se feliz se aquelas idas ao bar eram o momento mais esperado do dia? Ouvir os elogios dos homens e receber os sorrisos era o que a mantinha sonhadora. Amava Nacib, mas pensava nos moços bonitos de Ilhéus. Que mal havia em imaginar? Enquanto Nacib queria prendê-la, Gabriela não entendia os ciúmes que ele sentia, pois apesar de pensar em outros homens, isso

em nada mudava o seu sentimento verdadeiro pelo esposo. Gostava de ser livre para observar, sorrir e manter o seu sentimento puro por Nacib, sem ciúmes ou cobranças:

Tinha ciúmes, que engraçado... Ela não tinha, se ele sentisse vontade podia ir com outra. No princípio fora assim, ela sabia. Deitava com ela e com as demais. Não se importava. Podia ir com outra. Não pra ficar, só pra dormir. Seu Nacib tinha ciúmes, era engraçado. Que pedaço tirava se Josué lhe tocava a mão? Se seu Tônico, beleza de moço, tão sério na vista de seu Nacib, nas suas costas tentava beijar-lhe o cangote? Se seu Epaminondas pedia um encontro, se seu Ari lhe dava bombons, pegava em seu queixo? Com todos eles dormia cada noite, com eles e com os de antes também, menos o tio, nos braços de seu Nacib. Ora com um, ora com outro, as mais das vezes com o menino Bebinho e com seu Tônico. Era tão bom, bastava pensar. (AMADO, 1995, p. 170)

DaMatta observa (1997, p. 48), que não se espera que o mesmo indivíduo tenha uma mesma ou única conduta em todos os espaços sociais. Essa mudança nem sempre é perceptível pela mudança do discurso, apesar de ser uma das mais comuns. Ela pode também ser demarcada por uma mudança de papéis sociais, roupas, atitudes, gestos, assuntos, etc. Gabriela não entendia e, acima de tudo, não queria ter uma conduta para cada espaço. Queria ser só Gabriela e não a senhora Saad que era obrigada a adotar um comportamento ditado a ela toda a vez que ia visitar as famílias de Ilhéus ou quando precisava frequentar festas ilustres. Não conseguia mudar a forma de falar, tampouco demarcar uma mudança de esferas usando os sapatos apertados e vestidos de seda. Apesar de que, ainda segundo DaMatta (1997, p.49), não se é possível misturar o espaço da rua com o da casa sem gerar alguma forma relevante de conflito, pois aprende-se desde cedo que algumas coisas só podem ser feitas em casa e, ainda, dentro de alguns dos seus espaços.

Aprendia-se, naquela época, como mostra o romance de Jorge Amado, que o interior da casa era reservado para as mulheres. Ainda as prostitutas sustentadas pelos coronéis ficavam a maior parte do seu tempo trancafiadas em casas montadas e pagas pelos seus donos que não gostavam que saíssem para a rua e onde também não era permitida a entrada de estranhos, muitos menos de outros homens. Gabriela quebrara o protocolo quando abrigara o negro Fagundes por uma noite e, posteriormente, quando permitira a entrada de Tônico Bastos em seus aposentos. Esta situação a deixava incomodada, pois sabia que, de alguma forma, essas atitudes eram consideradas erradas pela sociedade, ainda que ela não

tivesse essa mesma concepção. Também a incomodava o fato de não poder trazer as diversões da rua para dentro de casa.

Após o casamento, Gabriela estava muito pensativa, e não era nos moços bonitos que pensava. Imaginava maneiras de pedir ao marido para se divertir nos eventos da cidade, que eram muitos na época natalina. Gabriela passara muitos meses ensaiando as escondidas em um grupo de dança para a apresentação do terno de reis, no qual era a principal dançarina. A apresentação seria na véspera de Natal quando passariam pelas casas de Ilhéus embalando as famílias e recebendo presentes conforme a tradição.

Gabriela sabia que o marido não se agradaria com a ideia de vê-la segurando o estandarte do grupo e mostrando o seu corpo no movimento dos passos de dança. Não é que ele não gostasse da dança. Até achava bonito ver o colorido das roupas dos dançarinos e o harmonioso e alegre som dos instrumentos. O que jamais permitiria era que sua esposa, agora uma senhora, saísse para a rua puxando a dança. A nova posição social de sua esposa não era compatível com esse tipo de evento, pois ao casar-se, assumira uma nova identidade :

Que diria o povo de Ilhéus, seus amigos do bar, as senhoras da alta roda, o coronel Ramiro que tanto a distinguia? Impossível, Gabriela, impossível pensar em tal coisa, nunca vira absurdo maior. Bié precisa se convencer que não é mais uma pobre empregada, sem família, sem nome, sem data de nascimento, sem situação social. (AMADO, 1995, p. 246)

Gabriela, desapontada por ter o seu pedido de fazer parte na apresentação, pois tivera o pedido prontamente negado pelo marido, ficou triste e cada vez mais certa de que ter se casado não fora a decisão mais sábia. Contudo, na véspera de Natal, no baile de gala, de sapatos e de vestido de seda, a jovem mulata, que tinha a música dentro de si e que já não suportava mais os sapatos tão apertados, ouve o som distante do terno de reis que vem pela rua. Ao se aproximar e ver os seus amigos alegres dançando em roupas coloridas, não pensa duas vezes, tira os sapatos e juntar-se ao grupo. Ao ver a diversão tentadora, outras mulheres decidem juntar-se às danças, timidamente acompanhando o grupo, desconfortáveis com seus sapatos. Gabriela, ao contrário das demais, livre do que a impedia de dançar e saltar alegremente, pega o estandarte e segue puxando a dança com seu sorriso iluminando as ruas.

Outro momento na obra de Jorge Amado mostra a felicidade da personagem

ao poder ficar livre dos sapatos. Certa vez, quando ia para casa em um dia qualquer, pensativa, aproximou-se de um grupo de crianças que brincava na rua. As cantigas lembraram a sua infância e como ela era feliz quando ainda morava no sertão. Lembrava-se de como era maravilhoso quando seus pais ainda eram vivos e ela tocava o chão com seus pés pequeninos a dançar:

la andando para casa. Vestida de fustão, enfiada em sapatos, com meias e tudo. Em frente à igreja, na praça, crianças brincavam brinquedos de roda. [...] Gabriela ia andando, aquela canção ela cantara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir à casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou na calçada, correu para os meninos. De um lado Tuísca, de outro lado Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar. (AMADO, 1995, p. 189)

Pode-se perceber que as coisas das quais Gabriela gostava eram coisas para serem feitas de pés descalços. Para isso, muitas vezes era preciso tirar os sapatos diante de toda a sociedade. Ela não se importava com que as pessoas a olhassem de maneira estranha. Ela mesma, por muitas vezes, havia aceitado a sua situação de não pertencer àquela sociedade. Também não fazia nenhum esforço para isso. Se por vezes tentou se adequar à sua nova situação, era porque amava Nacib e queria lhe agradar. Com o passar do tempo, foi ficando cada vez mais difícil comprimir o seu espírito livre dentro dos sapatos. Ela questionava se ter casado teria sido o certo. Nacib também tinha a mesma dúvida a lhe martelar o pensamento. Nesses momentos, lembrava-se de como era a vida antes do casamento. De como Gabriela era feliz e amorosa antes de ter-lhe dado sapatos.

Gabriela pensava em como deveria ser cruel viver preso. Ela, presa aos sapatos quando o marido obrigava-a a ser a senhora Saad, percebeu que esta situação tornava-se cada vez mais frequente. Não contente em aprisioná-la, Nacib trouxera um pássaro preso em uma gaiola para fazer-lhe companhia. Como poderia aceitar a presença triste daquele pássaro que se debatia de um lado a outro a cantar tristemente? Sabia que o marido havia lhe presenteado, pois percebera que ela andava triste, achava que era porque ele passava muito tempo no bar. Ela aceitou o presente por amor ao seu marido, que, ao seu ver, era um homem bom e só lhe fazia bem. Entretanto, ao pensar em como usar sapatos a deixava presa e triste, decidiu que pelo menos o pássaro seria livre:

O pássaro se batia contra as grades, há quantos dias estaria preso? Muitos não eram com certeza, não dera tempo de acostumar-se. Quem se acostuma a viver preso? Gostava dos bichos, tomava-lhes amizade. Gatos, cachorros, mesmo galinhas. Tivera um papagaio na roça, sabia falar. Morreria de fome, antes do tio. Passarinho preso em gaiola não quisera jamais. Dava-lhe pena. Só não dissera não pra não ofender seu Nacib. Pensara lhe dar um presente, companhia pra casa, sofrê cantador. Canto tão triste, seu Nacib tão triste! Não queria ofendê-lo, tomaria cuidado, não queria magoá-lo, diria que o pássaro tinha fugido. Foi pro quintal, abriu a gaiola em frente à goiabeira. O gato dormia. Voou o sofrê, num galho pousou, para ela cantou. Que trinado mais claro e mais alegre! Gabriela sorriu. (AMADO, 1995, p. 170)

Voar para fora da gaiola fez o pássaro cantar alegre. Assim também ficava Gabriela, quando podia fazer as coisas das quais gostava. Todavia, quanto mais o tempo passava, menos liberdade de fazer o que lhe agradava tinha. Gostava de ir ao circo com seus sapatos velhos que não machucavam os seus dedos esparramados. Todas as coisas que gostava de fazer não podia, era imoral, era mal visto pela sociedade. Quando não era casada com Nacib, podia fazer tudo do que gostava.

O excesso de restrições do casamento fez com que adormecesse em Gabriela o seu interesse e a sua paixão por Nacib. Sozinha, triste, carente e, fazendo jus ao estereótipo da mulata, sem pudores e irrepreensível, deixa a oportunidade aberta a um homem bonito que mostrasse algum interesse por ela. Tônico Bastos, galanteador, conquista o coração da moça. O flerte que começa com trocar de olhares, elogios e mimos acaba em sexo/romance e logo em divórcio, assim que Nacib descobre a traição.

E quando a despeito de tudo, o casamento ocorre, a desconfiança gerada pela falta de moral da mulata (defeito ressaltado pela pena dos escritores) termina prejudicando a vida conjugal e reconduz a heroína à união livre, mesmo dentro dos efetivos laços matrimoniais- como ocorre com Nacib, a viver com Gabriela como se não fossem casados, a despeito de haverem contraído núpcias legalmente. E esse achado, de sabor indissimulavelmente pirandelianos a que recorre Jorge Amado, vale não apenas pela originalidade que porventura atinja a solução proposta, enquanto fabulação. Por detrás dela, encontra-se, ainda uma vez, a projeção de um conceito de mulata que a torna inadequada à normalidade de um casamento tranquilo e durável. (QUEIROZ JUNIOR, 1975, p. 85)

Após ser flagrada com o amante em momentos íntimos pelo marido, Gabriela é expulsa de casa e aceita sem titubear a proposta de anulação de casamento. Não teria direito a nada, sabia. Apesar de toda a sua ajuda na casa e no bar durante o período de tempo em que fora casada, não teria direito a um vintém. O

juiz dissera que se quisesse, poderia contestar juridicamente o direito de alguma coisa e então o processo poderia demorar a acabar. Não era isso que Gabriela queria, não queria que demorasse. Queria ter de volta, o mais breve possível, o direito de ter a sua liberdade que o casamento lhe havia tirado:

Foi assim que, com um processo de anulação de casamento cujos trâmites correram velozes da petição inicial à sentença, em pouquíssimo tempo, o árabe Nacib encontrou-se novamente solteiro, tendo sido casado sem o ser realmente, tendo pertencido à Confraria de São Cornélio sem realmente a ela pertencer, ludibriada a benemérita sociedade dos maridos conformados. Foi assim que a senhora Saad voltou a ser Gabriela. (AMADO, 1995, p. 260)

Assim, Gabriela voltou para a rua, que era o espaço destinado à ela. Lá, era apenas mais um indivíduo, não precisava ser a senhora Saad, que tanto a deixava infeliz, nem se adequar às regras impostas pelo dono chamado sociedade. Agora podia ser autêntica e relacionar-se com todos aqueles que, de alguma forma, eram iguais a ela, pois eram sujeitos aos mesmos julgamentos mas, talvez, sentissem menos a opressão dos costumes da sociedade pelo fato de que nem sequer tiveram a oportunidade de tentar fazer parte dela. Dona Erminda acolheu Gabriela em sua casa, mas era uma casa diferente da que morava quando estava casada com Nacib. A casa de dona Erminda era como o quartinho em que Gabriela dormia logo que chegou à casa de Nacib, quando ainda era sua cozinheira e amante. Casa onde não havia regras ou proibições. Podia andar de pés descalços, dançar balançando os quadris, como se estivesse na rua. Ali, conseguia ter felicidade e alegria.

Agora que estava separada de Nacib, Gabriela era livre para fazer tudo o que desejasse como noutros tempos. Por outro lado, estava triste por ter perdido o amor de Nacib. Ela realmente o amava, à sua maneira, mas era amor. Achava que agora que o casamento havia sido anulado, o turco a aceitaria para morar no quartinho dos fundos como amante. Gabriela sabia que não havia sido talhada para o casamento, pois não nascera sob os costumes daquela sociedade e recusara-se a fazer parte dela quando tivera a chance. Era mulata, servia para ser amante, como era de costume nas classes mais baixas, como mostra Del Priore (1994, p.35): “[...] entre as classes subalternas, os concubinatos tomavam-se quase uma herança, um desdobramento de solidariedade ante as vicissitudes do sistema colonial e à distância das prédicas normativas institucionais”. Assim, ciente de sua condição social, tudo voltaria a ser como fora antes do casamento:

Gostava de adormecer com o rosto enfiado nos cabelos do largo peito amigo. De cozinhar para ele de ouvi-lo elogiar a comida gostosa. De sapatos, gostava não. Nem de ir de visitas às famílias de Ilhéus. Nem das festas, dos caros vestidos, das jóias verdadeiras, custando tanto dinheiro. Gostava não. Mas gostava de seu Nacib, da casa na ladeira, do quintal de goiabas, da cozinha e da sala, do leito do quarto.

O juiz lhe dissera: mais uns dias e já não seria casada e nunca tinha sido. (...) Se já não seria casada, e nunca tinha sido, por que não podia voltar para a casa de seu Nacib, pro quartinho dos fundos, cuidar da cozinha, da roupa lavada, da arrumação? (AMADO, 1995, p. 262)

Havia apanhado de Nacib, é verdade. Mas não estava magoada com ele. A culpa não fora dele e sim do casamento. Era natural que o homem batesse na sua esposa se ela o desobedecesse, como poderia tê-la matado se quisesse, era direito do homem punir a adúltera, não importando se fosse esposa ou amante. Além do mais, agora estava livre para fazer as coisas que mais gostava. Inclusive, era livre para continuar amando Nacib e esperar que um dia ele pudesse perdoá-la e aceitá-la como amante outra vez:

Tão bom seu Nacib! Bateu nela, estava com raiva. A culpa era dela, por que aceitara casar? Vontade de sair com ele na rua, de braço dado, aliança no dedo. Medo talvez de perdê-lo, de um dia ele casar com outra, mandá-la embora. Foi por isso, certamente. Fez mal, não devia aceitar. Antes fora pura alegria. [...] O juiz lhe explicara: era como se nunca tivesse sido casada. Melhor não podia ser. (AMADO, 1995, p. 261)

Seu amor pelo turco estava acima do conforto financeiro que o casamento lhe trouxera. Seu sentimento era verdadeiro, tanto que lançara mão de todos os benefícios de ser esposa, intrigando muitas mulheres que sonhavam ter tido a sorte de terem sido pedidas em casamento, resignando-se a possibilidade de ser apenas sua amante, como no início.

Em Ilhéus, não se comentava outra coisa além da traição, da forma como o turco havia se livrado do embaraço de ter sido traído sem precisar matar a esposa e o amante. A anulação do casamento, ideia de seu amigo, João Fulgêncio, fora o escape perfeito. Alguns acusavam Gabriela. Outros, até a defendiam.

Foi em uma destas conversas que Nacib lembrou algo que João Fulgêncio havia lhe falado na época em que ele, desesperado, com medo de perdê-la, pediu-lhe um conselho sobre matrimônio. Naquela época, o amigo comparou Gabriela a uma flor. “- Recorde-se. Eu lhe disse: tem certas flores que murcham nos jarros. Era verdade, nunca tinha se lembrado daquilo. Não dera importância. Agora

compreendia. Gabriela não nascera para jarros, para casamento e marido” (AMADO, 1995, p. 257).

Era isso, Gabriela não nascera para jarros, para casamentos, marido e sapatos. Nascera para ser livre, para alegrar os dias com o seu sorriso e para perfumar a casa com o seu perfume de cravo. Era uma dessas mulheres que não conseguiam obedecer a regras, que não faziam questão de serem aceitas pela sociedade. Que preferiam perder a chance de um bom casamento a ter que perder o direito de andar de pés descalços. Era difícil explicar, nem mesmo os poetas do Bar Vesúvio conseguiram decifrar Gabriela, apesar dos palpites:

- Para que explicar? Nada desejo explicar. Explicar é limitar. É impossível limitar Gabriela, dissecar sua alma.
- Corpo formoso, alma de passarinho. Será que tem alma? – Josué pensava em Glória.
- Alma de criança, talvez – o Capitão queria entender.
- De criança? Pode ser. De passarinho? Besteira, Josué. Gabriela é boa, generosa, impulsiva, pura. Dela podem-se enumerar qualidades e defeitos, explicá-la jamais. Faz o que ama, recusa-se ao que não lhe agrada. Não quero explicá-la. Para mim basta vê-la, saber que existe. (AMADO, 1995, p. 61).

Fora exatamente esta impossibilidade de ser explicada que conquistou os homens de Ilhéus e até algumas mulheres que admiravam a sua coragem de ser livre. A autenticidade de Gabriela era o que a fazia ser encantadora. Apesar de ter usado por todo esse tempo os sapatos apertados que a sociedade lhe impunha, não deixara de ser ela mesma. Havia sim reprimido os seus desejos para agradar a Nacib. Porém, nunca para agradar a sociedade. E era isso que a mantinha verdadeira à sua origem:

- Quem não se apaixonou por ela na cidade? Se ela fosse candidata a intendente derrotaria o Capitão e Maurício, até os dois juntos. Todo mundo votava nela.
- Não as mulheres...
- Mulher não tem direito a voto, compadre. Ainda assim, algumas votavam. Ela tem qualquer coisa que ninguém tem. Você não viu no baile de Anovovo? Quem arrastou todo mundo para a rua, para dançar reisado? Creio que é essa força que faz as revoluções, que promove descobertas. Para mim, não há nada de que eu goste tanto como ver Gabriela no meio de um bocado de gente. Sabe no que penso? Numa flor de jardim, verdadeira, exalando perfume, no meio de um bocado de flores de papel. (AMADO, 1995, p. 252).

Acreditava no amor verdadeiro, aquele que não necessita de um

compromisso formal para existir. Era difícil compreendê-la numa sociedade na qual a maior preocupação das moças era fazer um bom casamento. Apesar da sua ingenuidade, Gabriela sabia que para ser uma senhora casada era preciso ceder em muitas coisas, inclusive ver ir embora a liberdade enquanto calçava os pés com lindos sapatos. Essa obsessão da jovem por seguir a sua vida livremente, era difícil de ser compreendida na época. Certa vez, ao tentar explicar o espírito de Gabriela e a forma como ela entendia o amor, João Fulgêncio disse que “[...] o amor não se prova, nem se mede. É como Gabriela. Existe, isso basta [...]. O fato de não se compreender ou explicar uma coisa não acaba com ela” (AMADO, 1995, p. 263).

Nacib, apesar de estar solteiro, não percebera tantas mudanças na sua liberdade, uma vez que pouca coisa mudara em sua vida desde o casamento. Os sapatos dos homens eram mais confortáveis. Sentia saudade da comida que ela preparava, do cheiro dos temperos. Às vezes, pensava em Gabriela e nos momentos do casal. Contudo, apesar de não perceber, todas as suas lembranças eram relacionadas ao período que Gabriela andava descalça, espalhando seu perfume pela casa:

- Nem se dava conta de uma particularidade dessas lembranças, a acompanhá-lo durante semanas, no bar, na rua em casa: é que jamais a recordava no tempo de casados (ou de amigados, como explicava aos demais: tudo não passara de amigação). Só lembrava de Gabriela de antes, daqueles primeiro tempos. Faziam sofrer mas eram doces lembranças. (AMADO, 1995, p. 266)

Na verdade, as lembranças que Nacib conservava eram as da mulata de corpo disponível, sorriso nos lábios e sensualidade exalando cheiro de cravo e canela para satisfazê-lo ilimitavelmente e sem compromisso. Tendo o seu corpo feito para o prazer carnal e a apreciação masculina, como detalha Eduardo de Assis Duarte (2009, p.6), em *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*, descrevendo a mulata como sendo “[...] um animal exótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução”. Assim era Gabriela que, apesar de possuir as suas próprias vontades e lutar muito para realizar os seus desejos, ainda carregava o estereótipo da mulher de sua cor.

Devido ao crescimento dos negócios e à falta de boas cozinheiras em Ilhéus, encorajado por Mundinho Falcão, o turco decide por contratar Gabriela como sua

cozinheira novamente. É claro que também pensara que seria uma boa forma de se vingar da jovem, pois “Era uma boa lição... - refletiu Nacib. – Voltar de cozinheira depois de ter sido a dona...” (AMADO, 1995, p. 289). Mundinho Falcão completa a conversa dizendo a Nacib que “O único erro em toda essa história foi você ter casado com ela. Fui ruim para você, pior para ela” (AMADO, 1995, p. 289).

No dia da inauguração do restaurante de Nacib e Mundinho Falcão, cos mais importantes membros da sociedade de Ilhéus presentes, Gabriela reaparece como a Gabriela de antes, a que andava por entre as mesas do Bar Vesúvio que “ajudava a servir, (...) os chinelos arrastando no cimento, os cabelos amarrados com uma fita, o rosto sem pintura, as ancas de dança” (AMADO, 1995, p. 128). A Gabriela por quem Nacib se apaixonara e que, por medo de perdê-la, cometera o erro de casar-se com ela e tentar fazê-la a se acostumar a usar sapatos. Quem acabara perdendo, mas que agora tinha de volta, como cozinheira, como no começo, alegre e com os pés livres. Após todos elogiarem a comida servida, os convidados queriam saber quem fora a responsável por tantos quitutes deliciosos. Então, “João Fulgêncio levantou-se, foi buscá-la na cozinha. Ela apareceu sorrindo, calçada em chinelas, um avental branco sobre o vestido de fustão azul, uma rosa rubra atrás da orelha”. (AMADO, 1995, p. 289).

Com Gabriela no comando da cozinha, cumprindo o papel que está designado a ela desde o início quando “[...] surge no romance “coberta de pó” e, com seu trabalho e mãos de cozinheira, irá contribuir para a prosperidade do patrão e posterior aquisição de roça de cacau” (DUARTE, 2009, p. 10). Nesse sentido, as coisas voltaram ao normal na vida de Nacib, como antes de ele ter se apaixonado por ela. Apreciava a sua presença no bar pela disposição de ajudar a servir e também porque os clientes voltaram a se demorar perto da hora do almoço, horário em que ela aparecia para encantar a todos com a sua beleza que se intensificava agora que Gabriela não era mais a senhora Saad.

Retomara o bar seu ritmo antigo, dos primeiros tempos de Gabriela: demoravam-se os fregueses na hora do aperitivo, tomando mais um cálice, alguns subiam para almoçar no restaurante. Prosperava o Vesúvio, Gabriela descia ao meio-dia da cozinha no andar de cima e passava entre as mesas a sorrir, a rosa atrás da orelha. [...] Era como se, por milagre de São Jorge, houvessem recuado no tempo, como se nada de errado e triste tivesse sucedido. (AMADO, 1995, p. 291).

Certa noite, ao voltar para casa, após passar no Bataclan e descobrir que a

sua prostituta estava ocupada a deitar com um coronel, Nacib voltou para casa frustrado. Foi nessa noite que tudo recomeçou ao ver Gabriela, dormindo no quarto dos fundos, que ocupara assim que chegou a Ilhéus, na casa de Nacib para ser cozinheira. “A porta do quartinho dos fundos estava aberta, ele espiou. A perna de Gabriela pendia da cama, ela sorria no sono. Um seio crescia no colchão e o cheiro de cravo tonteava. Aproximou-se. [...] Ela estendeu os braços, puxou-o para si”. (AMADO, 1995, p. 294).

E assim a vida de Nacib voltou a ser completa. Não tinha nenhuma responsabilidade para com Gabriela, já que não era casado com ela. Dessa forma, o sentimento que tinha por ela era leve, não tinha mais a necessidade de mudá-la, uma vez que ela havia deixado de ser a senhora Saad. Aos olhos da sociedade, ele era um homem solteiro, bem-sucedido nos negócios que dormia com a cozinheira, o que era perfeitamente aceitável para um homem ter uma rapariga. Era mais adequado ter uma mulata como amante do que como esposa. Não tinha ciúmes e nem lhe comprava sapatos. Agora, como cozinheira/amante, não fazia diferença se andava descalça ou com sapatos elegantemente apertados:

Com Gabriela: todas as vezes que não tinha mulher e chegava em casa sem cansaço e sem sono. Mais com ela, talvez, do que com outras. Porque nenhuma se comparava, tão ferosa e úmida, tão louca na cama, tão doce no amor, tão nascida para aquilo. Chão onde estava plantado. Adormecia Nacib com a perna passada sobre a sua anca redonda. Como antigamente. Com uma diferença, porém: agora não vivia no ciúme dos outros, no medo de perdê-la, na ânsia de mudá-la. Na hora da sesta, antes de adormecer, pensava consigo: agora não era senão para a cama. (AMADO, 1995, p. 295)

Gabriela, agora livre para fazer tudo o que gostava, se alegrava com a vida, “preparava os salgados e doces para a tarde e à noite, ia depois para casa, ele a via cruzar a praça, em chinelas, desaparecer atrás da igreja”. (AMADO, 1995, p. 293).

Pensava naquele tempo que não podia ir aos ensaios do grupo do terno, de quando não podia sair para a rua se não estivesse calçada com os sapatos apertados. Também se lembrava de quando, se quisesse fazer algo que gostava, tinha que o fazer escondido do marido. Agora que não era mais casada, era como se nada tivesse mudado desde que deixara o porto, coberta de poeira, seguindo Nacib. Nos dois trechos a seguir, Jorge Amado mostra a alegria da personagem em ter se libertado do casamento e do jugo que esse compromisso lhe trouxera:

Assim era bom. Ela ia à casa de Dora, dançava e cantava, combinavam festas para o mês de Maria. Nacib sabia, encolhia os ombros, até projetava assistir. Era sua cozinheira, com quem dormia quando lhe dava vontade... E que cozinheira! Melhor não havia. Boa na cama também, mais do que boa, uma perdição de mulher.

Na casa de Dora, Gabriela ria e folgava, a cantar e a dançar. No terno de reis levaria o estandarte. Pularia fogueira na noite santa de São João. Folgava Gabriela, viver era bom. Batia onze horas voltava para casa a esperar seu Nacib. (...) Corria descalça na praia, o pés na água fria. Dançava roda com as crianças a praça, de tarde. Espiava o luar esperando Nacib, Viver era bom. (AMADO, 1995, p. 295)

Ainda fica evidente a alegria de Gabriela quando, descasada, pode finalmente ocupar com dignidade e sem medo de julgamentos, o seu posto à frente do terno de reis, quando “as pastoras de Dora trouxeram o estandarte do terno de reis, Gabriela o conduzia num passo de dança” (AMADO, 1995, p. 299).

Assim, viveram Nacib e Gabriela felizes. Ela, feliz por ter se livrado dos sapatos apertados que como senhora Saad era obrigado a usar, contentando-se com o papel de amante, que era o que lhe restara, já que não conseguia se adequar aos costumes da sociedade da época para ser promovida ao posto de esposa. Nacib, por ter de volta toda a submissão, amor e alegria da Gabriela amante, sem sobrenome e descalça. Com essa não precisava ter compromisso, apenas deitar-se com ela quando tivesse vontade e também tê-la em casa, organizando-a, ainda dormindo no quartinho do fundo do quintal. Também tinha de volta a Gabriela geradora de lucros do bar e do restaurante, preparando seus deliciosos quitutes. Viviam assim como no início de sua história: Nacib, o dono; Gabriela, a empregada amante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, representa, por meio de sua protagonista, Gabriela, a trajetória da mulher em busca da sua liberdade, tentando romper com os paradigmas de uma sociedade machista com a qual se depara em Ilhéus, cidade que representa uma espécie de microcosmo dos valores masculinos e patriarcais da sociedade brasileira daquela época e que, lamentavelmente, perduram até os dias de hoje, talvez com menor intensidade.

O primeiro capítulo deste trabalho mostrou o estereótipo de mulher de cor mulata na literatura brasileira, representada – desde a literatura do período colonial, passando pelo Arcadismo, Romantismo, Naturalismo, e desembocando nas produções modernistas e contemporâneas a ela – como sendo uma mulher de fácil acesso e disponível para satisfazer os desejos sexuais dos homens. Na obra aqui estudada de Jorge Amado – tributário da produção ficcional que o antecede –, evidencia-se o fato de a mulata ser marginalizada e não se encaixar nos padrões morais da sociedade da época.

Na segunda parte deste trabalho, fez-se uma comparação entre Gabriela e Cinderela, sobre o ato de calçar os sapatos. Tal analogia mostra a existência de dois tipos de mulheres: por um lado, Cinderela, que, submissa, não consegue alcançar seus objetivos sozinha, e, por isso, por toda a sua vida esperou por um homem que lhe calçasse os sapatos para, assim, lhe proporcionar-se ascensão social. De outro lado, Gabriela, independente, que nunca sonhara em usar sapatos, acaba calçando-os por pressão de Nacib e da sociedade. Quando ela calça os sapatos, metaforicamente percebe-se que liberdade de Gabriela foi comprimida assim como ocorreu com seus dedos.

Para finalizar, o terceiro capítulo deste trabalho relata como o divórcio afeta a vida de Gabriela e Nacib. Ela mantém o estereótipo de mulher de cor, atraente, livre e amante. Nacib, tirando proveito da situação, continua a deitar-se com ela, mas agora de maneira descompromissada e sem sentimentos, como esperava-se que um homem, branco, frequentador da alta sociedade o fizesse, reforçando a ideia de submissão da mulher a alguns valores ainda reinantes de uma lógica masculina.

Gabriela, com duas vidas, mostra como é possível viver sem ser submissa à sociedade, como é importante conservar a liberdade e lutar por ela no momento em que troca a segurança de sua casa, o casamento com Nacib e os sapatos, para viver

de favor na casa de dona Erminda, o que lhe proporciona ser livre para fazer as coisas que gosta. Percebe-se por meio da personagem a ligação entre liberdade e felicidade, uma vez que seu sorriso volta a brilhar assim que descalça os sapatos e seus pés ficam livres para andar por qualquer lugar e a qualquer horário.

Em suma, buscou-se evidenciar neste trabalho que o ato de calçar os sapatos indica a repressão que a sociedade impunha sobre as mulheres de Ilhéus (leia-se Brasil) em princípios do século XX. Para Gabriela, esta imposição foi evidenciada com o casamento. O descalçar os sapatos mostra o desapego da personagem, a independência feminina e a busca pela liberdade a qualquer custo que, no caso de Gabriela, custou-lhe o amor de Nacib. O fato de Gabriela voltar a se relacionar com Nacib como amante no final do romance reforça ainda mais a sua ânsia por liberdade, pois eleva o sentimento com relação aos valores materiais, deixando claro que a personagem é independente e sua única ambição é obedecer aos seus desejos, ainda que, fazendo isso, enquadre-se perfeitamente no estereótipo machista imposto a ela, uma vez que aceita o seu papel de mulata-amante.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Gabriela Cravo e Canela**. 77. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

BETTELHEIN, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16. ed. Tradução: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984. Disponível em:
<<https://docs.google.com/file/d/0B46vjiRI8hGuX2VqckY3UmdDYjA/edit>> Acesso em: 23 abr. 2017.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher da história do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra Roxa e Outras Terras: revista de estudos literários**. v. 17, dez. 2009, p. XX-YY.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. Recife: Global Editora, 2003.

NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil**. v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OWEN, Emmett. **Grimm's Fairy Stories**. Philadelphia: The Penn Publishing Company, 1922.

ROCHE, Jean. **Jorge bem/mal amado**. São Paulo: Cultrix, 1987.

QUEIROZ JUNIOR, Teófilo. **Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1975.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.